

**REFORMA AGRÁRIA,
UMA ILUSÃO**

REVISTA MENSAL

RN ECONÔMICO

ANO XVIII • N.º 181 • NOVEMBRO/DEZEMBRO-86 • CZ\$ 10,00

**IRRIGAÇÃO FRACASSA.
FALTAM OS RECURSOS**

**CRUZADO II AFETA A
CONSTRUÇÃO CIVIL**

417

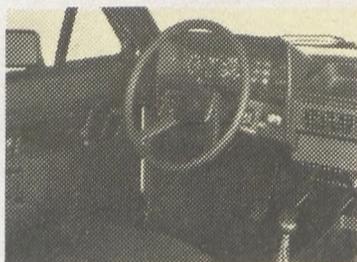
**TURISMO OCUPA PRIMEIRO
LUGAR NA RECEITA DO RN**



OS NOVOS GOL ESTÃO NA FRENTE.



VENHA FICAR FRENTE A FRENTE COM ELES.



MUDOU A CARA: OS GOL TÊM NOVA FRENTE, HARMONIOSA, AERODINÂMICA.

E MUDOU O CORAÇÃO: ELES TÊM NOVO MOTOR 1.6 MD-270 COM MAIOR POTÊNCIA, MAIS ACELERAÇÃO, AGILIDADE, ELASTICIDADE, E MUITA ECONOMIA.

ALÉM DISSO, OS NOVOS GOL TÊM INTERIOR COMPLETAMENTE NOVO. BANCOS ANATÔMICOS, QUE DÃO MAIS CONFORTO AO MOTORISTA, E MAIS

ESPAÇO PARA QUEM SENTA ATRÁS.

ACABAMENTO INTERNO MONOCROMÁTICO COM NOVOS PADRÕES E CORES. CINTOS DE 3 PONTOS AUTOMÁTICOS, DE SÉRIE. ILUMINAÇÃO CENTRAL. CONSOLE, MARCADOR DE TEMPERATURA, E NOVOS DETALHES QUE OS ATUALIZAM AINDA MAIS.

NOS NOVOS GOL SÓ O MELHOR CONTINUA, COMO ANTES: A EXTRAOR-



DINÁRIA ESTABILIDADE. A DIREÇÃO LEVE E PRECISA, OS FREIOS

EXCELENTES E PRECISOS.

OS NOVOS GOL JUNTAM A MELHOR TECNOLOGIA A TUDO DE BOM QUE O GOL JÁ TINHA.

AGORA SOME TUDO ISSO COM NOSSOS PLANOS DE FINANCIAMENTO COM TODAS AS FACILIDADES, E UMA AVALIAÇÃO INCRÍVEL DO SEU CARRO USADO, QUE VOCÊ VIRÁ HOJE MESMO CONHECER OS NOVOS GOL S/LS.

OS CARROS QUE ESTÃO NA FRENTE.



GOL S/LS

MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS



DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597

NESTA EDIÇÃO

Breve explicação

A nossa mudança de sede, saindo de um prédio alugado para instalações próprias, junto com a crescente demanda de serviços gráficos da última campanha eleitoral, foram os motivos causadores do atraso de circulação de nossa revista.

Antes mesmo de apresentar outro qualquer tipo de explicação aos nossos clientes, assinantes e leitores, entendemos oportuno esclarecer que muito do que fazemos no nosso trabalho sofre as limitações locais pela falta de recursos, e outros óbices, que são verdadeiros desafios para os que se envolvem com a feitura da revista. Não fora a vontade obstinada dos profissionais de nossa

REVISTA MENSAL
RN/ECONÔMICO



editoria, RN/Econômico já não estaria circulando.

Na tentativa de vencer a corrida contra o tempo, nós estamos juntando numa só edição os dois últimos meses de 86, ficando esclarecido, entretanto, que os assinantes receberão os doze exemplares da assinatura anual, como é de direito.

Por outro lado, o compromisso de sua direção de melhorar nossa estrutura operacional, de normalizar de uma vez por todas a circulação de uma revista que vem escrevendo, com modestia, é verdade, um pedaço da história do desenvolvimento do Rio Grande do Norte, há 18 anos.

A DIREÇÃO

EXPEDIENTE

RN/ECONÔMICO
REVISTA MENSAL

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR:

Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES:

Núbia Silva Fernandes de Oliveira,

Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

EDITOR GERAL:

Edilson Braga — DRT 455

DIAGRAMAÇÃO:

Moacir de Oliveira — DRT 240

ARTE:

Carlos José Soares

FOTOCOMPOSIÇÃO:

Antônio José D. Barbalho

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA., CGC 08.286.320/0001-61. Endereço: Rua São Tomé, 398, Natal (RN) — Fone: (084) 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço da assinatura anual: Cz\$ 100,00. Preço do exemplar atrasado: Cz\$ 20,00. Consulta ao arquivo-memória: Cz\$ 50,00.

ÍNDICE

ESTADO

- A reforma agrária também fracassa no RN12
- Faltam recursos e interesse para irrigação.....14
- Trânsito, a lei dos imprudentes.....15
- Brinquedos, campeões de vendas no Natal.....19
- Consórcio, a ilusão passageira da classe média.....21

- Construção civil entra em crise.....22
- O boom da moda natalense.....23
- Juventude muda hábito e agora vai à Zona Sul.....26

SEÇÕES

- RN/Entrevista..... 4
- Cartas.....10
- Cultura.....28
- Charge.....30

FOTO: A REPÚBLICA



Barragem de Açú não passa de um sonho

FOTOGRAFIAS João Maria Alves • CAPA Carlos José Soares

Turismo é irreversível

O presidente da Emprotur fala com entusiasmo do processo de desenvolvimento do turismo em Natal, diz o que fez nos últimos quatro anos e o que o futuro presidente da empresa deve fazer.

Como vai o turismo no Rio Grande do Norte? “Muito bem, obrigado”, segundo o presidente da Empresa de Promoções e Turismo do Estado — Emprotur — o advogado Augusto Carlos Garcia de Viveiros. Faltando apenas três meses para deixar o cargo, o presidente da Emprotur concedeu uma longa entrevista aos jornalistas Marcelo Fernandes, Edilson Braga e Fernando Fernandes, de **RN/Econômico**.

Para justificar o seu otimismo diante de um novo horizonte para o nosso turismo, Augusto Carlos afirma que “hoje o turismo é a segunda fonte de receita do Estado, devendo faturar até o final de 86 cerca de 1 bilhão de cruzados”. Orgulhoso dos resultados obtidos, o presidente da Emprotur mostra que no período de junho/85 a maio/86, o turismo gerou, no Nordeste, uma renda de Cz\$ 2.101.848.718, sendo que Natal obteve a maior variação percentual entre as capitais nordestinas, com 42,06%, seguido de Aracaju (37,99%) e Recife (29,90%).

Casado com a professora Maria das Graças de Viveiros, pai de quatro filhos, Augusto Carlos tem 44 anos, é Promotor de Justiça, professor de Ciência Política da UFRN, foi Secretário da Educação do Município, na administração do prefeito Agnelo Alves; ex-presidente do IPE e ex-secretário da Fazenda no Governo de Cortez Pereira.

Com todo esse currículo, Augusto Carlos se capacitou a assumir a presidência da discutida Emprotur. E pelo incentivo que recebeu do então governador José Agripino, Augusto diz que fez muito pelo turismo do Rio Grande do Norte. “Quando assumi a Emprotur há quatro anos Natal tinha apenas 752 apartamentos, hoje tem 1.500, aumentamos a oferta de assentos nos aviões e construímos a Via Costeira com seus bonitos e confortáveis hotéis”.

Augusto Carlos diz que “o turismo em Natal é irreversível”. Natal tem uma vocação turística, acredita ele, “agora é preciso que o Governo continue a aportar recursos e a tratar a cidade para receber o turista. Para mostrar a irreversibilidade do turismo em Natal, o presidente da Emprotur revela que a revista Quatro Rodas fez uma pesquisa em setembro cujos resultados apresentaram os seguintes dados: dos entrevistados, 82% queriam conhecer nossa cidade, e daqueles que aqui já estiveram 72% pretendem voltar a Natal. “É por isso que a gente diz uma frase muito interessante: a volta do turista é a gente que faz. Carinho nele”.

Mas para que o turismo continue em índices crescentes, Augusto entende como necessário que o futuro Governo conclua a Via Costeira, um dos grandes motivos do desenvolvimento do nosso turismo. A administração de Augusto Carlos

não limitou o incentivo do turismo apenas a Natal, procurou os caminhos da Asa Norte, com a construção do Terminal Turístico da Redinha e a construção de dois hotéis; construiu estradas e está a caminho de outras praias, como Genipabu, Barra de Maxaranguape e Muriú.

Geraldo vai investir no turismo

RN/Econômico — Estamos em plena temporada do verão, o que é que fez e o que está fazendo a Emprotur em favor do turismo do Estado?

Augusto Carlos — Bom, em primeiro lugar, foi transformar a Emprotur de uma empresa técnica para uma agência de desenvolvimento, era o primeiro objetivo, ou seja, promover o desenvolvimento do turismo para Natal, dividido em quatro pernas.

A primeira era o ramo dos hotéis, pois o turista não viaja para qualquer lugar sem hotel. Há quatro anos atrás Natal tinha 752 apartamentos. Hoje Natal tem cerca de 1.500 apartamentos; a segunda perna do turismo é a agência de viagem, que faz com que o turista venha para a nossa cidade e incentiva o turista aqui permanecer. Há qua-

tro anos atrás Natal tinha sete agências, hoje tem 20.

A terceira perna do turismo é o transportador aéreo, pois não adianta ter o hotel, ter a agência de viagem se não se tem espaços nos aviões. Nesses quatro anos nós conseguimos aumentar a oferta em 180 assentos e a partir de janeiro nós vamos ganhar mais duas linhas para Natal, com a oferta de cerca de 200 novos assentos. E a quarta perna é a chamada animação turística, através de teatro, artesanato, bares, boates, restaurantes, passeios de barcos, de bugres, enfim, é a animação do turista na cidade.

RN/Econômico — No meio dessas quatro pernas que o senhor citou, tem uma que incomoda e afugenta o turista: a falta de segurança. O que o Governo do Estado e a Emprotur têm feito para acabar com a insegurança?

Augusto Carlos — Olha, o índice de assaltos a turistas em nossa cidade é muito pequeno e isso nós temos provas através de pesquisas que a gente faz com o turista. A gente sabe por que ele veio para Natal; quando ele veio e o que o motivou. Em todas as respostas o turista disse que a segurança ainda é muito grande, e além disso a Emprotur ainda fez muita coisa. Por toda a Via Costeira a Emprotur construiu cinco PMs-BOX; colocamos agora um PM-BOX no Terminal Turístico da Redinha; temos feito cursos de aperfeiçoamento para os soldados, que também são guias turísticos.

RN/Econômico — Dr. Augusto Carlos, o que precisa a Emprotur para funcionar como uma verdadeira empresa de turismo?



Acabou essa história...

Augusto Carlos — Nesses quatro anos a Emprotur recebeu um volume bastante razoável de recursos, tanto do setor público quanto do setor privado. No setor público nós tivemos a participação da Emprotur no Hotel-Escola, no Centro de Convenções, no Pavilhão de Exposições que está sendo construído, nos PMs-Box, nos Terminais Turísticos da Redinha e de Pedro Velho e nas estradas do sol, estradas que ligam ponto de atração turística à capital. Essas estradas são Natal a Genipabu, Natal a Barra de Tabatinga, BR-101 à Lagoa do Bonfim e Natal a Muriú e Pitanuí. Essas cinco estradas são investimentos na área do turismo.

A partir disso, o BDRN, através de recursos do Fungetur — Fundo Geral de Turismo, que é gerido pela Embratur, também com a alocação da Emprotur, recebeu um volume considerável para financiamento dos hotéis e equipamentos turísticos. Estamos com seis novos hotéis inaugurados; quatro em fase de construção e ainda oito em projeto e mais uma série de equipamentos: ônibus, kombis, restaurantes, tudo isso financiado através do BDRN e Fungetur.

Agora abre-se uma nova linha de financiamento, que é através do BNDES, é uma nova linha que vai capacitar a construção de novos hotéis. Mas nós temos a vida própria da Emprotur com recursos advindos totalmente do Governo do Estado para a manutenção da máquina. Como o turismo começa como uma nova fonte de receita para o Estado, o que a Emprotur precisa é que esse volume de recursos continue cada vez mais sendo aplicados.



...de que turismo em Natal...

RN/Econômico — O que é que compete à Emprotur fazer no campo do turismo?

Augusto Carlos — Quando nós assumimos, a Emprotur fazia algumas coisas que nós achávamos que não deveriam ser feitas. Por exemplo: fazia o carnaval, a festa do milho, o Natal. Achamos que essas atividades eram tipicamente da Prefeitura e nós devolvemos essas atividades ao município. Ninguém sai de São Paulo para ver uma festa do milho ou o carnaval de Natal e aí continuamos nos anos seguintes a tirar tudo aquilo que não fosse do processo de desenvolvimento do turismo.

O Bosque dos Namorados nós devolvemos à Caern porque, na realidade, a Emprotur não tem como objetivo tomar conta de um Bosque; a Cidade da Criança também devolvemos, então nós começamos a limpar essas atribuições esdrúxulas da empresa e entramos somente no processo de desenvolvimento do turismo. Nós fizemos até concurso de miss, depois nós não patrocinamos mais nenhuma festa em Natal, nós promovemos Natal lá fora, no Rio, em São Paulo e até no exterior. Aliás, uma coisa boa foi a criação da Secretaria de Turismo da Prefeitura para fazer exatamente isso que a Emprotur não faz.

RN/Econômico — Mas qual é realmente a atribuição da Emprotur?

Augusto Carlos — É incentivar e promover o desenvolvimento do turismo dentro daquelas quatro pernas que falei no início.

RN/Econômico — Esse é o conceito básico da empresa!

Augusto Carlos — É o conceito



...acaba com baixa estação

básico da Emproturn, da Bahiatur, da Empetur, é financiar hotel, é incentivar a criação de agências, é fazer animação turística.

RN/Econômico — Quantos órgãos existem no Rio Grande do Norte cuidando do turismo?

Augusto Carlos — Existem muitos órgãos que direta ou indiretamente têm uma ligação com o turismo. Esses órgãos foram capitaneados pelo Conselho Estadual de Turismo. Hoje nós temos o BDRN, que só financia depois que a Emproturn dar parecer favorável; temos a Polícia; a Fundação José Augusto, porque tem monumentos históricos nas suas mãos, por isso tem que ter ligação com a gente; a Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social, através do artesanato; a Prefeitura; a STU e o Detran.

RN/Econômico — Qual o volume de recursos que a Emproturn vai dispor para 87?

Augusto Carlos — O orçamento tem cerca de 10 milhões de cruzados para a manutenção da empresa, e um pedido de mais de Cz\$ 70 milhões para investimentos em obras públicas do turismo.

RN/Econômico — Existe uma política definida do Governo para o turismo? Todo ano o Governo apresenta ao Conselho Estadual de Turismo um plano para o setor?

Augusto Carlos — Existe um Plano Estadual de Turismo, que antes da criação do Conselho era somente elaborada pela Emproturn. Hoje o Conselho Estadual aprova esse plano, que tem uma perspectiva que cobre quatro anos e nesse plano nós sabemos as fontes de recursos e tudo aquilo que será feito.

RN/Econômico — Para 87 já está tudo definido?

Augusto Carlos — Já. Nós temos em projeto mais de 18 hotéis e já temos os recursos alocados para financiá-los; já temos todas as noites potiguaras que serão realizadas nas outras capitais, onde mostramos a comida, o artesanato e a música potiguaras.

RN/Econômico — Nessas noites potiguaras se promove somente a parte turística?

Augusto Carlos — Exclusivamente. Aliás há uma coisa interessante. Muita gente da colônia que mora em Brasília, por exemplo, queria ir participar das noites potiguaras, mas nós não chamamos. São convidados apenas os agentes de viagens e os jornalistas especializados.

RN/Econômico — Existem pacotes nacionais de turismo que a Embratur coordena e o que ela nós dá?

Augusto Carlos — Nós temos hoje o maior pacote que a Embratur

faz, que é o Pacote Brasil, onde o Sul vem para o Norte e o Norte vai para o Sul. O Pacote Brasil, que é feito na baixa estação, incluiu Natal e nele temos uma redução das tarifas aéreas e nos preços dos hotéis e restaurantes e algumas lojas de artesanato.

RN/Econômico — Em termos econômicos e financeiros, o que representa, para um Estado como o nosso, o turismo a preço de hoje? Os investimentos feitos compensam? Financeiramente, um empresário se sentiria estimulado a investir na área do turismo?

Augusto Carlos — No ano de 85 — 86 a gente ainda não fechou — o turista deixou em Natal perto de 400 milhões de cruzados, ou seja, quase igual ao que a Guararapes faturou em Natal. Hoje o turismo é a segunda fonte de receita do Estado: já ultrapassou a scheelita, a lagosta e o sal, só perdendo para o fio de algodão.

RN/Econômico — E para 86 não dá para fazer uma projeção?

Augusto Carlos — Nós vamos ultrapassar 1 bilhão de cruzados. Vamos passar evidentemente o fio do algodão.

RN/Econômico — Qual a perspectiva de investimentos para 87?

Augusto Carlos — Vamos ter 730 milhões de cruzados de financia-

FIQUE COM UM BEM DA TERRA.

Ser cliente do Bandern é vestir a camisa do RN. É valorizar o RN. É colaborar para que os bens da terra fiquem aqui mesmo.

Para que isso aconteça, fique com o Bandern.

Nada mais justo.



mentos através do BNDES e BDRN.

RN/Econômico — O sr. poderia fazer uma diferença entre o que está programado para 87 e o que encontrou há quatro anos atrás?

Augusto Carlos — Há quatro anos atrás os financiamentos do BDRN foram zero. O Banco tinha dinheiro mas não financiava.

RN/Econômico — O sr. deixa a Emproturn em março. Em que situação fica a empresa perante a opinião pública? Sabe-se que a empresa era tida como cabide de emprego para os afilhados políticos e acusada de corrupção.

Augusto Carlos — Quero colocar três facetas da Emproturn: primeiro é junto à Sudene. Acabamos de receber um relatório da Sudene onde mostra que Natal é campeã em todos os aspectos; a capital que mais contribuiu para o crescimento de oferta e demanda de apartamentos foi Natal, que aumentou a sua oferta em 34,17%.

RN/Econômico — Sim, mas Natal não tinha nada, enquanto Recife tinha, Fortaleza, Maceió...

Augusto Carlos — Só que ninguém fez, tínhamos que dar o primeiro passo. Só para se ter uma idéia, a ocupação dessas unidades do Nordeste a média foi de 19%; Natal foi de 42,16% em relação a 85 e 84; em 86 para 85 foi de 48%. Vamos levar em consideração que a Embratur foi quem mais ajudou o turismo do Rio Grande do Norte e que por coincidência o presidente da Emproturn é também o presidente da Comissão de Turismo Integrada do Nordeste — CTI — que existe há 15 anos e pela primeira vez o RN ocupou sua presidência; existe também a CTI nacional, que também é presidida pelo presidente da Emproturn.

Com relação a imagem da empresa junto à opinião pública nós vamos deixar a Emproturn totalmente saneada, sem um débito e com um número de funcionários em torno dos 120.

RN/Econômico — O sr. acredita na vocação turística de Natal, ou isso que está acontecendo não passa de uma fase de transição do processo econômico do País, que deixa a reserva econômica da classe média para certos ensaios, como ocorre agora?

Augusto Carlos — Quando fui Secretário de Educação nós fomos à Sudene juntamente com o dr. Roosevelt Garcia e lá recebi uma informação de que a vocação de Natal

é de serviços, isso há 23 anos atrás. Aliás ouvi isso na companhia do então prefeito de Maceió, Divaldo Suruagi, que acreditou na informação e hoje Maceió é um grande pólo turístico. Natal está sendo acreditada agora através do maior projeto turístico, que é a Via Costeira.

RN/Econômico — A Via Costeira foi implantada no Governo de Tarcísio Maia?

Augusto Carlos — Se diz que a idéia inicial foi de Cortez Pereira, mas a concepção foi no Governo de Tarcísio Maia, que conseguiu junto ao Governo Federal a doação dos terrenos de Marinha; Lavoisier Maia executou o projeto da Via Costeira, construiu o Centro de Convenções, o belvedere e José Agripino deu vida à Via Costeira.

RN/Econômico — Mas o sr. acredita na vocação turística de Natal?

Augusto Carlos — Acredito, desde que o Governo continue a aportar recursos e a tratar a cidade para receber o turista.

Sinalização, parte fraca da Emproturn

RN/Econômico — O sr. não acha que a medida que vão passando os anos o turista fica mais exigente? Será que depois de visitar a cidade o turista volta a Natal?

Augusto Carlos — A revista **Quatro Rodas** fez uma pesquisa em setembro em que dizia o seguinte: dos entrevistados 82% queriam conhecer Natal e daqueles que conheciam 72% queriam voltar à cidade. É por isso que a gente diz uma frase muito interessante: a volta do turista é a gente que faz. Carinho nele.

RN/Econômico — O que é mais importante fazer na infra-estrutura da cidade para o turista em termos de equipamentos, de qualidade e onde fazer?

Augusto Carlos — Natal precisa terminar a Via Costeira em termos de equipamentos públicos e também da iniciativa privada. Estão faltando construir 10 hotéis e o Pavilhão de Feira e Exposições, que acho que o governador Radir Pereira vai terminar; anfiteatro e os restaurantes da iniciativa privada e ao mesmo tempo o Governo tem que

incentivar a construção da Via Costeira da Asa Norte, que é a praia da Redinha.

O atual Governo já investiu na estrada até o Terminal Turístico da Redinha e estamos financiando a construção de dois hotéis na Redinha, o Residence Praia Redinha, com 150 apartamentos e o Hotel Pousada do Mar com 60 apartamentos, do grupo Flor, e existe mais quatro pedidos para a construção de hotéis para a Redinha.

Mas por que a Redinha está despontando como opção? Primeiro por que enquanto não se resolver o problema de Ponta Negra do plano viário é impossível se chegar lá no sábado, domingo e feriado. E Natal enquanto não se resolver o problema do gabarito dos prédios das Praia dos Artistas, que é baixo demais, ninguém constrói hotel ali. Então, para onde se expandir? Pulamos a Ponta Negra do lado direito, pulamos o lado esquerdo da Praia dos Artistas e fomos para a Redinha.

RN/Econômico — Como se resolver o grave problema do acesso do turista à Redinha? Por que não se constrói uma nova ponte Natal Redinha?

Augusto Carlos — Já tem um projeto de Moacir Gomes, ainda dentro do Plano Diretor, que queria fazer uma ponte alta na entrada do Porto. O futuro Governo tem de olhar urgentemente para esse problema.

RN/Econômico — Na Asa Norte a Emproturn se fixou somente na Redinha?

Augusto Carlos — Já no dia 1.º de janeiro estamos inaugurando um hotel na praia de Genipabu com 26 apartamentos, é o Pousada das Dunas, do ex-pró-reitor José Cláudio de Moraes Melo; vamos ajudar no financiamento para ampliação do Bar do Pedro.

RN/Econômico — O que é que Natal tem mais que as outras cidades do Nordeste para ficar com uma boa fatia do bolo turístico?

Augusto Carlos — Natal tem duas coisas fundamentais que todo o Nordeste tem: sol e mar, mas Natal tem duas coisas que nenhum outro lugar tem. Primeiro, a intimidade, que nós já transformamos numa entidade nacional. Somos um povo mais aberto, o segundo, é o passeio de Bugre.

RN/Econômico — Depois da Bahia, o Rio Grande do Norte é a maior costa aberta do País. Essa costa aberta ao Atlântico tem elementos

ponderáveis que influenciaram a curiosidade do turista. Esse é um ponto que mais aproxima-se da África, do Hemisfério Sul e da Europa; não existe uma costa, nem a da Bahia, mais entrecortada, mais insinuante, mais gostosa de se ver e de conhecer do que o Rio Grande do Norte, cuja maior característica está em Natal, que são as dunas.

Augusto Carlos — Por isso que nós concentramos o turismo em Natal, apesar da empresa ser do Rio Grande do Norte. Nós não entramos no interior, a Bahia está entrando agora, e tem Porto Seguro e uma série de outras coisas. Também depois de Natal encher, o turismo vai transbordar para o interior.

RN/Econômico — Quais são os seus planos para 87?

Augusto Carlos — Vou voltar à iniciativa privada, reassumir a Promotora Pública e voltar a dar aula na UFRN. Recebi convites para ir trabalhar numa empresa em São Paulo mas a minha família foi contra.

RN/Econômico — O que é que o futuro presidente da Emproturn tem de fazer para que Natal continue tendo toda essa receptividade no Sul do País?

Augusto Carlos — Duas coisas. Primeiro continuar com os projetos que estão em andamento. A Via Costeira tem de ser concluída porque é irreversível, juntamente com a nova opção da Asa Norte; segundo, Natal vai receber em agosto de 87 quatro mil agentes de viagem no XV Congresso da Associação Brasileira de Agentes de Viagem. Pela primeira vez se faz um congresso desses numa cidade pequena.

RN/Econômico — O que é que isso representa para Natal?

Augusto Carlos — Quatro mil agentes de viagem e jornalistas vão conhecer Natal e se gostarem da cidade vão vendê-la lá fora.

RN/Econômico — O futuro presidente da Emproturn deve ser um técnico em turismo?

Augusto Carlos — Não. Deve ser uma pessoa da inteira confiança do governador. E capaz.

RN/Econômico — O sr. acha que o governador Geraldo Melo vai investir no turismo?

Augusto Carlos — Tenho certeza de que ele vai.

RN/Econômico — Conhece as suas idéias nesse particular?

Augusto Carlos — Algumas idéias estão começando agora a serem mostradas através de um traba-

lho que está sendo feito pelo dr. Benivaldo Azevedo. Acho que o governador Geraldo Melo, como empresário, vai ver que esse setor realmente responde rápido porque cria empregos muito rápido e os investimentos são pequenos. O grande problema de Natal é a mão-de-obra.

RN/Econômico — Existe um Hotel-Escola que funciona mal, o seu custo de formação da mão-de-obra é alto e o hotel está uma sinecura de emprego.

Augusto Carlos — Essas informações estão totalmente erradas. A escola formará por ano 128 pessoas (cozinheiros, recepcionistas, garçons e camareiras) e vai reciclar os profissionais antigos.

O erro da escola foi somente ter funcionado agora, deveria estar funcionando há mais tempo, esse é o primeiro aspecto. O segundo aspecto é que o hotel tem somente 42 apartamentos de três estrelas, deveria ter 60 funcionários, ele tem de ter mais gente porque o hotel funciona agregado à escola. Um hotel de três estrelas deve ter 1,5 por apartamento; o corpo técnico é que melhor existe foi todo ele trazido de São Paulo, da Escola Água de São Pedro. São seis professores, com um salário de Cz\$ 8.505 cada um; já formamos até hoje 46 pessoas, dessas 44 estão empregadas e as outras duas não querem trabalhar.

Na realidade a escola é quase auto-sustentável, só não é porque não pode ser por conta do hotel. É a maior obra do processo de desenvolvimento turístico do Estado porque se não fosse isso a antropofagia de recursos humanos que existe acabaria com o projeto. Se nós tínhamos há quatro anos 752 apartamentos, e temos hoje cerca de 1.500, nós precisávamos de mais de 800 pessoas empregadas e que foram roubadas de um e de outro, que vieram de Recife e de outras cidades e nós vamos para quase 4 mil apartamentos.

Não há mais baixa estação em Natal

RN/Econômico — Quais são os hotéis da Via Costeira que estão construídos?

Augusto Carlos — Começando pela ponta da Via Costeira, do Centro de Convenções para Natal, nós temos os seguintes hotéis: Natal Mar Hotel, de Sami Elali, que já es-

tá funcionando em três etapas; Hotel Jacumã, de Arnaldo Gaspar e que vai ser inaugurado em fevereiro; Hotel Ponta Negra, de Arnaldo Gaspar, que vai começar em março; tem o Marcone Barreto do grupo da China Turismo; tem o Centro Comercial de Turismo e Lazer, de Sami Elali, que é um apoio para a Via Costeira; tem o Alagamar, de Alonso Bezerra; Grupo Horsa, da Argentina; Grupo Álvaro Motta, que está fazendo o Motta Hotéis; temos o Grupo Jatiúca; Parque das Dunas, de Frederico Maiberg; Projeto Sol, de Fernando Paiva; o Vila do Mar; Vila Flor, de Lulu Flor; Tambaqui, de um grupo do Ceará; tem o Marsol; Costeira Palace Hotel, de Alberto Benhayon; Parque das Dunas; Hotel Tirol, Hotel-Escola.

Temos aí na Via Costeira 18 hotéis e na estrada de Ponta Negra mais dois, o Caminho do Mar, de Rosadinho e o Marina Sul, de Meira e Meira. Ainda tem o Hotel Ladeira do Sol e mais dois em construção na Redinha e mais quatro em projeto.

RN/Econômico — Com tantos hotéis construídos e em fase de construção, por que é que o turista não tem aonde fazer refeições depois das 22 horas, principalmente nos domingos?

Augusto Carlos — Eu acho que não tinha. Nós temos hoje diversos restaurantes novos em Natal que até eu não conheço. Temos restaurantes francês, chinês, tem alguns bares e boates que estão começando, porque é a quarta perna de que falei no início da entrevista. Criticavam de que as celas do Centro de Turismo não abriam no dia de domingo, hoje está abrindo. Por que? Porque tem gente para comprar.

RN/Econômico — O sr. tem idéia do número de turistas que frequentavam Natal?

Augusto Carlos — Em 85 Natal recebeu 227 mil 771; em 86 recebemos 299 mil 520, representando um aumento de 31%.

RN/Econômico — A parte de sinalização cabe à quem?

Augusto Carlos — Cabe à Emproturn. Essa é a parte mais fraca da empresa. Mas nós temos um projeto pronto, feito pela arquiteta Márcia Carvalho que é a coisa mais linda. O projeto está pronto, foi aprovado pela Prefeitura, STU, Detran e Emproturn. Para implantá-lo são necessários 2 milhões de cruzados, fora o custo do projeto.

Mas por que não foi implantado? Porque foi aprovado agora e eu te-

inho como norma só começar um projeto que fique concluído até o dia 14 de março, para não deixar pela metade. Acho que o futuro presidente da Emprotur deve fazê-lo.

RN/Econômico — O sr. realmente gosta do turismo ou está fazendo esse trabalho pelo amor ao cargo que ocupa?

Augusto Carlos — Não. Realmente gosto do turismo e duas coisas me fizeram chegar a essa performance: a equipe de trabalho e a sorte.

RN/Econômico — A polícia proíbe o jogo de bola na beira da praia, como é que agora vai permitir o tráfego de Bugres pondo em risco a vida de centenas de pessoas?

Augusto Carlos — Nós tivemos uma reunião com a Companhia de Trânsito nesse sentido. A polícia não vai proibir o tráfego de Bugre, vai disciplinar. Agora mesmo nós estamos criando o turismo com segurança; vamos colocar um decalque no pára-brisa de todos os táxis informando ao turista o número do telefone da Emprotur para reclamações, que é o 131.

Na Redinha o tráfego de Bugre está proibido até próximo o Terminal Turístico porque o fluxo maior de banhistas está naquele setor. O que nós queremos fazer é um policiamento do Bugre à beira-mar e não proibição, embora isso seja um acordo de cavalheiros porque pelo Código Nacional de Trânsito o tráfego é proibido.

RN/Econômico — O passeio de Bugre feito pela locadora teria de ter um guia turístico para evitar acidentes?

Augusto Carlos — Devia ter um guia treinado pela Emprotur, com carteirinha, cadastrado e com um curso. Tudo isso nós começamos a fazer.

RN/Econômico — Enquanto os ecologistas brigam pela preservação das dunas, a Emprotur incentiva que se faça exatamente o contrário.

Augusto Carlos — Nós preservamos porque se não preservarmos é matar a galinha dos ovos de ouro. Agora você tem de otimizar sem destruir. Não vejo perigo de se acabar com as dunas.

RN/Econômico — Mas de que maneira a Emprotur está tentando preservar as dunas?

Augusto Carlos — Bom, já declaramos áreas de interesse turístico Genipabu, Jacumã, Extremoz e Bonfim. O projeto já está na Embratur para ser enviado à Presi-

dência da República para o Presidente declarar área de interesse turístico, como fez com Canoa Quebrada, no Ceará.

RN/Econômico — Por que a Emprotur não se preocupou com a arborização da Via Costeira?

Augusto Carlos — Existem dois projetos de arborização da Via Costeira. Um foi feito há algum tempo atrás pelo IDEC, que trouxe até Burlex Max, que plantou cajuarina do lado direito; e o segundo foi feito com coqueiros, só que foram todos roubados.

RN/Econômico — O presidente da Emprotur foi laureado três vezes em 86, o que isso quer dizer e o seu valor?

Augusto Carlos — Fomos premiados três vezes: uma pelo Jornal de Turismo, em que dizia que a melhor empresa de turismo do Brasil era a Emprotur, cujo titular sou eu; o outro prêmio foi o Catavento de Prata, dado pelo Jornal da Bahia, em que me elegia o dirigente do ano; e o terceiro prêmio foi dado em Belém como o empresário do ano.

Empresário, grande problema do turismo

RN/Econômico — Durante esses quatro anos, o presidente da Emprotur rodou quantos quilômetros?

Alcione Dowsley, dono do Motel Tahiti, que assistiu à entrevista, interrompeu Augusto Carlos para dizer que "o homem para esse cargo tem de ter um poder de locomoção extraordinário, que não tenha uma mulher chata, porque o cara só vive em avião e em bares e restaurantes". Risos.

Augusto Carlos — Realmente rodamos muitos quilômetros, mas tivemos um privilégio: 60% das viagens foram cortesias das agências de passagens porque se fôssemos pagar todas as passagens a Emprotur não tinha dinheiro. Viajamos sempre atrás de recursos e promovendo a cidade e tivemos muita sorte porque os maiores jornais e revistas do País divulgaram Natal.

Eu sempre conto uma história. Luiz Felipe, meu filho, tinha cinco anos quando um amigo dele, no São João, disse: "Meu pai é médico e o seu o que é?" Luiz Felipe respondeu: "Meu pai viaja".

RN/Econômico — Que análise o sr. faria do Governo de que participou?

Augusto Carlos — O governador José Agripino cumpriu com o que realmente prometeu e se não fez mais foi por conta da conjuntura econômica. Acho que ele realmente cumpriu com a vontade dos 107 mil votos e Radir Pereira, com seu slogan Continuar e Concluir foi realmente uma alavanca do processo. Radir começou obras no seu Governo como o Pavilhão de Feira e Exposições.

RN/Econômico — O sr. deixa a Emprotur em março sob uma série de acusações de corrupção. Conte essa história toda.

Augusto Carlos — Fui acusado primeiro de que a Emprotur teria pago a gasolina do meu Bugre para passeios particulares. São pequenas verdades que se transformam em grandes mentiras. É verdade que a gasolina foi paga pela Emprotur, mas eu estava levando no dia o repórter Francisco José, que fez uma reportagem de 4 a 5 minutos que o Fantástico mandou ao ar e foram apenas 100 cruzados de combustível.

Disseram que eu tinha consumido 60 quilos de queijo, 40 quilos de carne de sol. Compramos, mas foi para as Noites Potiguaras que promovemos lá fora. Houve uma sindicância e não provaram nada porque entre a realidade dos fatos e aquilo que acontece há um grande caminho. Realmente quem acusou foi leviano.

RN/Econômico — O turista sai de São Paulo, onde tem uma série de opções de lazer e vem para Natal. Ele tem o que ver aqui para passar mais de três dias?

Augusto Carlos — A permanência do turista que vem ficar em hotel é de 3.7 dias, hoje. Ele pode chegar até seis dias. Se nós computarmos o turista que não fica só em hotel classificado aí isso vai para dez dias.

RN/Econômico — E na baixa estação?

Augusto Carlos — Não há mais baixa estação em Natal. Aquele buraco que existia em dezembro, janeiro, fevereiro e março subindo, para depois cair em abril, maio e junho e para subir a partir de julho, essa curva já está estatisticamente comprovado que ela não existe há muito tempo.

RN/Econômico — O turista volta à Natal?

Augusto Carlos — As estatísticas da revista **Quatro Rodas** mostram

que o turista volta pela segurança, de beleza e de outros atrativos.

RN/Econômico — Além do Cajueiro de Pirangi, do Forte dos Reis Magos e das dunas, o que a Emproturn tem para mostrar ao turista?

Augusto Carlos — Nós estamos começando um processo depois do Cajueiro, Barra de Tabatinga e Nísia Floresta. Temos que incorporar Barra de Tabatinga a Nísia Floresta, é a grande novidade, e o outro é o Terminal Turístico da Redinha.

RN/Econômico — O sr. não acha que o Terminal Turístico da Redinha vai se transformar num autêntico reduto de farofeiros?

Augusto Carlos — Não, não, não. Pelo contrário. O farofeiro está adstrito à Igrejinha da Redinha e um pouquinho para a esquerda.

RN/Econômico — Por que não se leva o turista para Muriú, para desafogar Genipabu?

Augusto Carlos — É verdade. Nós temos um projeto para Barra de Maxaranguape.

RN/Econômico — E o restaurantes com comidas típicas de Natal não vão ser construídos?

Augusto Carlos — O grande problema é o empresário. Na realidade você colocar a Peixada da Comadre na Via Costeira, como empresário é um processo sociológico muito difícil de ser feito. Pensamos em construir o restaurante e arrendar a eles, aí você ia cair no serviço.

RN/Econômico — Em termos de faturamento, o que é que representa o turismo no faturamento global do Estado?

Augusto Carlos — Representa 9,5% do orçamento. □

CARTAS & OPINIÕES

Sr. Diretor:

Quero parabenizá-lo pela reportagem com o jornalista J. Epifânio. A entrevista de capa da **RN/Econômico** de outubro está muito interessante, principalmente quando o cronista conta os "causos" que acontecem nessa sociedade decadente do Terceiro Mundo.

J. Epifânio estava há muito tempo merecendo uma entrevista do porte da que vocês publicaram. Li com muita atenção a entrevista, mas acho que faltou ser explorada uma série de coisas que fazem parte da vida desse jornalista novacruzense. Acho que faltou ser explorado o lado irreverente de Epifânio, o que teria dado à entrevista muito mais descontração.

Gostei muito da sinceridade do entrevistado, principalmente quando ele responde a uma pergunta sobre o seu sucessor na crônica social do Estado. Com toda sinceridade, Epifânio revelou que o seu sócio de coluna, o Oliveira, botou o cavalo na chuva na esperança de ser indicado o sucessor. Falou, Jota, esse Oliveira é um boboca e só diz besteiras. Mande esse rapaz se mancar! (**Josapha Theóphilo da Silva**).

Sr. Redator,

A entrevista que a revista **RN/Econômico** fez com o jornalista Jota Epifânio está

deveras interessante. Ele é um homem que sabe das coisas, conhece como ninguém o submundo da sociedade natalense, e porque não dizer da sociedade nordestina.

De vez em quando é bom a gente saber como se comporta essa sociedade que cheira à mediocridade. Entendo que o cronista deveria ter falado mais, muito mais dos novos ricos, como eles se comportam, a ânsia que eles têm de gastar o dinheiro, principalmente com coisas banais. O cronista também deveria ter falado, mas parece-me que não foi explorado pelos entrevistadores, dos frequentadores assíduos das colunas sociais e de Jairo Procópio.

Jota devia ter dito como se sente noticiando o casamento de uma grande figura da sociedade natalense ao mesmo tempo em que essa figura também é destaque na "coluna social" de Jairo Procópio. No mais, quero cumprimentar a direção da revista pela reportagem com o cronista, esperando que outras entrevistas sejam feitas com figuras conhecidas da nossa sociedade. Por que não com Jairo Procópio? (**Kalil Menezes da Conceição**).

CARTAS E OPINIÕES ENDEREÇADAS PARA **RN/ECONÔMICO**, RUA SÃO TOMÉ, 398 — CIDADE ALTA — NATAL-RN.

NOVO ENDEREÇO

O Serviço de Atendimento ao Assinante de **RN/ECONÔMICO** existe para atendê-lo. Utilize-o para comunicar mudanças de endereço, eventuais atrasos na entrega, renovação de

assinatura, etc. Entre em contato com **RN/ECONÔMICO** pelo telefone 222-4722 ou envie correspondência para Rua São Tomé, 398, Centro, Natal-RN. Serviço de Atendimento ao Assinante.

Endereço Anterior:

Bairro:

Cidade:

Estado:

CEP:

Care assinante. Se você mudou de endereço, envie-nos este cupom, comunicando o seu novo domicílio, para **RN/ECONÔMICO**

Novo Endereço:

Bairro:

Cidade:

Estado:

Os exemplares chegarão em seu endereço após o dia 30 de cada mês.

**Unificar a indústria, comércio,
órgãos federal, estadual e municipal
é o nosso objetivo desde 1943**



... Participe, divulgando a sua empresa e seus produtos em todo o território nacional e em mais de 100 países anunciando no CADASTRO DELTA.

Mais de 560.000 informações de empresas de todo território nacional, classificadas por Estados, firmas e produtos.

 **ALBEISA DO BRASIL EDITORES LTDA.**

Rua Barão de Itapetininga, 255 — 7.º e 8.º andares — CEP 01042
Fones: (011) 255-3373 e 255-3638 — São Paulo-SP



Reforma agrária teria a força de evitar o êxodo rural

REFORMA AGRÁRIA

Retrato de um fracasso no RN

Lançado há um ano, em meio a muitas promessas, o Programa Nacional de Reforma Agrária — PNRA — ainda não disse para que veio. O retrato é de fracasso.

Passado um ano desde o lançamento do Programa Nacional de Reforma Agrária — PNRA, o Governo não conseguiu realizar seu feito, pois as metas estabelecidas dentro dos planos regionais de todos os Estados do País não foram atingidas nem mesmo em 50%, produzindo um maior índice de insatisfação e conflitos. A posição radical de políticos ligados ao Presidente que estão, publicamente, contra a reforma agrária fala mais alto que a necessidade de solucionar o problema dos trabalhadores do campo.

O desenvolvimento da reforma

agrária no Rio Grande do Norte foi praticamente nulo, o plano regional assinado pelo Presidente José Sarney, no dia 19 de maio de 1986, não efetivou sequer as metas estabelecidas para o ano que passou. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA, Superintendência do Estado, deveria, segundo informou o superintendente Gilberto Lins, desapropriar 80 mil hectares, porém apenas cerca de 25 mil foram desapropriados e a posse dessas terras não foi legalmente declarada para o Plano, já que os processos ainda tramitam na Justiça.

Dentro dessa desapropriação que estava prevista, deveriam ser assentadas 2.600 famílias, porém a única coisa concreta foi o acúmulo de mais 55 mil hectares para 1987, que tem como meta desapropriar 150 mil hectares, beneficiando 5.200 famílias. O Estado, até o final de 1989, deverá ter desapropriados 730 mil hectares, sendo que a quota para 88 é de 230 mil e para 89 270 mil hectares. Porém, com o retardamento e a defasagem no ano passado, Gilberto Lins acha possível que o Plano Regional não seja concretizado dentro do previsto.

Ah, eu adoro os coroas!



No Tahiti não tem essa história de discriminação. Jovens ou coroas, todos são recebidos com muito prazer. E com uma mordomia capaz de matar de inveja os ministros da Velha República.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui.

PREJUÍZO — Para o superintendente regional do INCRA, a desapropriação de terras no Estado, iniciada somente no dia 22 de outubro, foi um grande prejuízo, contribuindo decisivamente para a Justiça retardar a concessão legal, pois o parecer final dessa primeira fase só deverá ser emitido no final de janeiro, até então as famílias permanecem na expectativa, ou mesmo ocupando terras indevidas afetando sensivelmente os problemas com grileiros e latifundiários.

A desapropriação, no nosso Estado, deverá ocorrer com mais intensidade na Região Oeste, principalmente em terras próximas ou situadas nas cidades de Mossoró, Açú, Baraúnas, onde é maior o número de trabalhadores sem terra e hectares improdutivos, critério básico estabelecido no Estatuto da Terra, de 30 de novembro de 1964. As atuais fazendas que o INCRA/RN aguarda emissão de posse estão localizadas nos municípios de Afonso Bezerra, Barra de Maxaranguape, Mossoró, Areia Branca, Açú e Baraúnas.

No que diz respeito ao apoio que o Governo prestará aos trabalhadores após o assentamento, Gilberto Lins diz que a orientação dada para o órgão é a de que "o Governo efetuará uma ação conjunta dos Ministérios da Saúde, Educação e Previdência, que atenderão satisfatoriamente todas as famílias, pois deverão ser construídos postos de saúde e escolas com atendimento compatível. Além disso, o trabalhador receberá o apoio técnico-financeiro para produzir, o BNDES — Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, fornecerá recursos para o desenvolvimento agrícola".

Apesar de não estar estimado o montante para o homem do campo iniciar o seu trabalho e de que forma este dinheiro será restituído ao Governo, o número de hectares que o trabalhador poderá adquirir é de 40 e deverá efetuar este pagamento ao Governo Federal no prazo de 20 anos com juros anuais, ainda com taxa desconhecida, segundo declarou Gilberto Lins. No que diz respeito à procura de informações no órgão, o superintendente afirma que somente os proprietários visitam o INCRA para saber mais a respeito do Plano.

ATIVIDADES — Diante da morosidade da Justiça Federal e do próprio Governo em distribuir os títulos de terra, os trabalhadores do Es-



Gilberto Lins: legalizar

tado se organizam no sentido de lutar para garantir a efetivação da reforma agrária, tanto no âmbito regional como no âmbito nacional. A FETARN — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Norte congrega atualmente cerca de 300 mil trabalhadores filiados em 111 sindicatos existentes no Estado, todos desenvolvendo atividades políticas no sentido de organização pela melhoria de vida.

Os trabalhadores têm denunciado à opinião pública, através da imprensa, e às autoridades competentes os problemas e conflitos que enfrentam, exigindo medidas para a solução de diversos casos, obtendo

assim resultados significativos tais como: salário compatível, transportes mais adequados, auxílio-doença, entre outros. Apesar das dificuldades enfrentadas e da violência patronal, os trabalhadores ganham espaço efetuando campanhas e até mesmo greves para fazer valer os seus direitos.

No que se refere aos conflitos pela posse de terras enfrentados pelos trabalhadores rurais, nos últimos anos, a FETARN diz que estes se multiplicaram. Atualmente são 32 casos envolvendo mais de 3.667 famílias, cerca de 18.335 pessoas numa área de 58 mil hectares. E a principal causa é o não cumprimento da meta prevista pelo PRRA, que provoca a ocupação de terras ociosas e inexploradas.

É exatamente dentro do crescimento da luta pela Reforma Agrária que os trabalhadores do País, em particular do Rio Grande do Norte, vêm conseguindo apoio importante das forças progressistas e democráticas, que defendem propostas como: extinção da grande propriedade latifundiária, com a desapropriação progressiva e ininterrupta, confisco de terras griladas ou com títulos ilegais, distribuição de lotes de 20 a 50 hectares, segundo a região, a camponeses sem terra ou com pouca terra, entre outros.

Para a FETARN, o que se verifica é que o envolvimento da sociedade com a reforma agrária ainda é bastante irrisório para quebrar a forte resistência patronal e sobretudo a desenfreada violência no campo, concluindo assim que a reforma agrária ainda não foi reconhecida como questão primordial para a solução definitiva dos graves problemas do campo e da cidade. □



Com a reforma agrária as terras seriam melhor aproveitadas

Também um fiasco no Estado

O Programa de Irrigação do Nordeste recebeu do Governo Federal, em 86, cerca de Cz\$ 300 milhões, mas no Rio Grande do Norte só chegou Cz\$ 1 milhão.

SUPER FEIRÃO DE PISOS E AZULEJOS

JOCA, QUE HÁ MUITO TEMPO PRECISAVA REFORMAR SUA CASA, CONTOU A SACI E...

QUE LEGAL, VAMOS JÁ P/ O FEIRÃO DA SACI! TUDO PELOS MELHORES PREÇOS... E QUE ATENDIMENTO!

NÃO SEI NÃO ESSE NEGÓCIO DE FEIRÃO TEM MUITA LOJA POR AQUI. EU VOU E PRO ARMÁZEM LÁ DA ESQUINA.



DEPOIS DE ESPERAR UM TEMPÃO P/ SER ATENDIDO... UM TEMPÃO P/ EXPLICAR...

MOÇO, JÁ EXPLIQUEI CEM VEZES, PRÁ COZINHA, CERÂMICA VITRIFICADA, NO CHÃO, E AZULEJOS NA PAREDE.



NÃO MOÇO, O MELHOR É MADEIRA NO CHÃO. E O SR. TEM SORTE, ESTÁ EM PROMOÇÃO NA LOJA.

MUITAS HORAS DEPOIS, JÁ NA 20ª LOJA...

CLARO DOUTOR. NA NOSSA LOJA O CLIENTE MANDA, E O ORÇAMENTO É GRATIS, VEJAMOS: ÁREA DA COZINHA $3 \times 4 = 12$? OU $4 \times 3 = 12$?



JOCA ESTAVA MALUCO DE RAIVA... NOS LUGARES EM QUE FOI ENCONTRADO: MAU ATENDIMENTO, PREÇOS ALTOS, INCOMPETÊNCIA, BAGUNÇA, MATERIAIS DE BAIXA QUALIDADE...

ATÉ QDO. VOCÊ VAI SER CABEÇA DURA? O FEIRÃO DA 50% DE ABATIMENTO NO PREÇO DE PISOS E AZULEJOS. O ATENDIMENTO NA SACI É ESPECIALIZADO E O MATERIAL, DE ALTO NÍVEL E...



ENFIM, O FINAL FELIZ CHEGOU NESTA HISTÓRIA....

PUXA, POR QUE EU NÃO VIM ANTES NA SACI? É TUDO ORGANIZADO MESMO, E O LEGAL É QUE TEM OUTRAS PROMOÇÕES ALÉM DO FEIRÃO. VOU JÁ COMPRAR TUDINHO AQUI!



COLOQUE NA SUA CONSTRUÇÃO OU REFORMA UM FINAL FELIZ. COMPRE NA SACI!

SACI ONDE NATAL COMPRO!

R. GURGEL LTDA.
SACI
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Rua Pte. Bandeira, 826 - Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 - Ribeira
NATAL-RN

Os partidos políticos que fazem oposição ao Governo Federal, afirmam categoricamente que o Presidente Sarney não quer realizar a reforma agrária. A posição de políticos, como Aureliano Chaves, contrários à aplicação do plano nacional e a morosidade com que a reforma vem se desenvolvendo regionalmente, confirmam o desinteresse do Governo. E, apenas medidas paliativas são tomadas para a melhoria da economia agrícola do País.

Dentre as medidas de apoio e incentivo à produção agrícola, o Ministério da Irrigação criou o PROINE, um programa que consiste em ajudar o proprietário a restaurar, criar e desenvolver a irrigação, na sua terra e, conseqüentemente, promover culturas de subsistência. Com este propósito o Governo Federal liberou recursos da ordem de 300 milhões de cruzados e o Banco do Brasil, além do Banco do Nordeste, são os agentes executores do Programa de Irrigação do Nordeste.

O Programa vem sendo desenvolvido no Rio Grande do Norte há seis meses e recebe o apoio da EMATER — Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, a qual elabora, junto ao proprietário, o projeto de irrigação para ser submetido à aprovação do agente financiador, o qual exige como pré-requisito básico a existência de fonte d'água; açude, rio, poços, e o solo adequado para a plantaçãõ desejada pelo proprietário.

ACEITAÇÃO — Segundo o gerente do Banco do Brasil em Natal, Ernani Melo, o PROINE vem obtendo uma boa aceitação pelos proprietários e o Banco possui atualmente 31 propostas em estudo, já tendo aprovado três, o que proporcionou, em 86, a irrigação de 15 hectares de ter-

ra em São José de Mipibu, município pioneiro na instalação e desenvolvimento do Programa de Irrigação, o que custou cerca de um milhão de cruzados.

As propostas em estudo, no BNB, para este ano, somam 71 hectares de terra, contudo outro projeto elaborado para uma propriedade no Mato Grande, que possui 100 hectares, foi encaminhado para a direção geral do Banco, visto a sua dimensão. Apesar do Banco não definir número mínimo ou máximo de hectares, Ernani Melo diz que os projetos em fazendas com área de 100 hectares ou superior a isso não recebem deferimento em Natal.

A média de tempo usada pelo agente repassador de recursos para a aprovação do financiamento é de 30 dias após a entrega do projeto. A partir da liberação dos recursos, técnicos da EMATER e fiscais do Banco efetuam a implantação do programa de irrigação, desde a aquisição dos implementos exigidos pelo método determinado no projeto, até o seu perfeito funcionamento. O dinheiro destinado permite não somente a implantação de sistemas de irrigação, como também a criação de infra-estrutura para que o sistema se desenvolva.

Dentro desta criação de infra-estrutura está a perfuração de poços e a restauração de açudes. Como sistema de irrigação o proprietário usará aquele compatível com a sua cultura, e segundo informou Ernani Melo, a aspersão, o conhecido chuveirinho, deverá ser o mais utilizado, seguido pelo gotejamento que consiste em canos furados entre as plantações e por último a inundação, feito através de mangueiras que liberam jatos d'água.

Antes do programa ser implantado no nosso Estado, o gerente do Banco do Nordeste, Er-

nani Melo e outros funcionários da agência e do Banco do Brasil, viajaram para observar a implantação do programa nos Estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e no Distrito Federal, onde existiam todos os sistemas de irrigação. Diversas culturas no Brasil, estão sendo beneficiadas, porém os projetos existentes no Rio Grande do Norte se destinam mais à fruticultura.

Dentre aqueles que já estão em execução, destaca-se a cultura da banana, mamão havaí e maracujá. Porém outros produtos poderão ser cultivados desde que esses se desenvolvam bem no solo de cada propriedade. As cidades que mais procuraram financiamento foram São José de Mipibu, Nísia Floresta, principalmente produtores que têm suas terras localizadas próximas a Lagoa do Bonfim e/ou Pium, além de Monte Alegre e Mato Grande.

Todas as agências do BNB estão liberando financiamento, e embora Mossoró esteja atendendo principalmente a Oeste do Estado, o BNB de Natal não tem nenhuma informação sobre o anda-

mento do PROINE naquela região, visto que a agência de Mossoró não tem o trabalho subordinado a Natal e com isso não há nenhum intercâmbio entre o Banco no que diz respeito ao Programa.

Apesar do Governo Federal ter determinado os recursos a serem aplicados dentro deste Programa, o Rio Grande do Norte não tem uma fatia definida de quanto poderá emprestar. Ernani Melo afirmou que não há limite de crédito, nem de tempo para financiamento, pois o Banco não recebeu nenhuma ordem de quanto poderá usar nem quando deverá suspender os financiamentos, e com isso a agência continua recebendo propostas.

Mesmo com as últimas medidas econômicas que proporcionaram a volta da ciranda financeira, o acréscimo nas taxas de juros, o gerente local do BNB diz que "os empréstimos poderão ser resgatados entre três e 12 anos, e o proprietário pagará com uma taxa de juros estipulada em 5% ao ano e não sofrerá aumentos com a correção monetária. □

visto a frequência com que isso ocorre.

Como complemento do quadro irregular, a ausência de guardas de trânsito nos cruzamentos mais perigosos, apenas fortalece o comportamento irresponsável da maioria, pois sem nenhuma punição, usam e abusam nas avenidas, sem se preocuparem consigo próprio. A correria é tamanha, que naquele momento, a vida é o que menos importa. Se não bastasse o excesso de velocidade, as agressões trocadas entre motoristas, motoqueiros, caminhoneiros e pedestres é mais violenta ainda.

DESCASOS — Procurar os responsáveis pelos absurdos que se processam nas ruas, consiste em culpar quase a totalidade das pessoas que dirigem. Pois, em depoimento a **RN/Econômico**, os motoristas de Natal assumem uma parcela de culpa pelo caos existente no tráfego. Contudo, não tiram a responsabilidade das autoridades do setor que, segundo os entrevistados, não fazem nada de concreto para educar e, conseqüentemente, preservar a vida de motoristas e pedestres. Estes últimos os maiores sacrificados com a irreverência dos que dirigem.

A dificuldade de se transitar no Centro da Cidade é cada dia maior. Para os pedestres andar no comércio e atravessar as ruas, a cada minuto, é um perigo de vida. As calçadas, além de tomadas pelos camelôs, são também o lugar preferido para estacionamento de veículos. Diante desta realidade, sobra apenas os acostamentos para a população se locomover. As faixas destinadas para passagens "seguras" de

TRÂNSITO

É um salve-se quem puder

Esse é o quadro do caótico trânsito brasileiro. E Natal é um reflexo dessa desorganização nacional, cujas autoridades do setor são incompetentes para disciplinar o tráfego.

Cresce a cada dia, sem que nenhuma providência seja tomada, a violência no trânsito em todo o país. Em Natal, as estatísticas mostram que o problema não é diferente das outras capitais. Os abusos e o desrespeito entre pedestres e motoristas, parecem até um problema sem solução. Não existe, por exemplo, consciência das pessoas que fazem o trânsito na cidade, que o respeito à vida é um dever de todos.

Por qualquer rua ou avenida da cidade que se transite, as mesmas infrações são cometidas. As irregularidades de sinalização permanecem e a viagem é do tipo "salve-se quem puder", já que precauções contra acidentes é o que menos importa para a maioria. Costurar em ruas de grande movimento, ultrapassar em faixas contínuas, parar

sobre faixas de pedestres, parecem até determinações legais no tráfego,



Carros não respeitam faixa do pedestre

SEU CARRO FAZ PARTE DO SEU DIA-A-DIA

Em Carlos Auto Peças você encontra tudo que ele precisa: som, acessórios, peças originais, tintas automotivas e um tratamento todo especial.

- Loja 1 — Alecrim — Tel.: 223-2608
- Loja 2 — Hiper Bompreço — Tel.: 221-2831
- Loja 3 — Shopping Cidade Jardim — Tel.: 231-1119

**CARLOS AUTO
PEÇAS**

A CASA QUE TEM TUDO



Café SÃO BRAZ

O CAFÉ DA FAMÍLIA

Rua dos Paianazes, 1545
PABX 223-2379
Natal-RN — 59.000



CONCESSIONÁRIO DO
CENTRO DE CULTURA
ÂNGLO AMERICANA
INGLÊS AUDIOVISUAL

O C. C. A. A. abre matrículas para o 2.º semestre-85. **CURSOS:** Regular, de Viagem, Intérprete, Inglês Comercial. O C. C. A. A. veio para servir. Venha ficar com a gente.

AV. RIO BRANCO, 767 — TEL.: 221-1468
CIDADE ALTA — NATAL-RN

COMÉRCIO & SERVIÇO



EMSERV

EMPRESA DE SERVIÇOS
E VIGILÂNCIA LTDA.

VIGILÂNCIA BANCÁRIA,
INDUSTRIAL, RESIDENCIAL
E ÓRGÃOS PÚBLICOS.
TRANSPORTE DE VALORES
EM VIATURAS BLINDADAS.

Av. Campos Sales, 682 — Fones: 222-1810 — 222-1360 — Natal-RN — 59.000



Restaurante Xique-Xique

- Ambiente excepcional
- Cozinha excelente
- Atendimento sem igual

O ponto ideal para seu almoço ou jantar

Av. Afonso Pena, 444 • fone 222-4426

SERVIÇOS GRÁFICOS DE QUALIDADE

Do lay-out a impressão, **RN/ECONÔMICO** tem a solução. Formulários, notas fiscais, cartazes, material de expediente, tipográfico ou off-set, procure **RN/ECONÔMICO**. Faça do seu material sua apresentação.



FAÇA COMO MAIS DE
200 EMPRESAS, PROCURE
RN/ECONÔMICO!

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 Tel. 222-4722 Cent.

COMÉRCIO & SERVIÇO

Vamos alcançar um novo posto.



O Grupo Flocar a Congonhas Atende de Primeiro nível com as melhores marcas de veículos VLS e Honda. Possui para acompanhar a inauguração do Posto São João II, as 1800h, às 14h00, na Av. Prudente de Moraes, nº 2376, Lagoa Nova.

Rapidez no atendimento, ambiente amplo e agradável — check-up.

6 lojas de produtos e serviços, ilhas geladas (sorvetes e refrigerantes), loja Use e super-troca, possui 2 pavimentos que permitem abastecimentos de 17 carros simultaneamente.

AV. PRUDENTE DE MORAIS, N.º 2376 — FONE: 321-1657 — LAGOA NOVA

Nick DOCES E FLORES

BUFFET

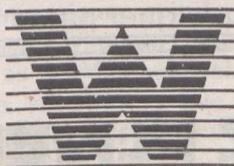
ALMOÇO AOS DOMINGOS
C/MESA DE FRIOS — CHÁ DAS 5.

MATRIZ: AV. PRUDENTE DE MORAIS, 618
FONE: 222-3318
FILIAL: CCAB — LOJA 6 — FONE: 222-4833 — NATAL-RN

As melhores marcas em material de expediente e escritório.

WALTER PEREIRA
LIVRARIA E PAPELARIA LTDA.

LIVRARIAS:
• ISMAEL PEREIRA (Ribeira)
• UNIVERSITARIA (C. Alta)
• WALDUPE (C. Alta)
• MODERNA (Alecim)



videofoto mania é pra sempre

HIPER CENTER BOMPREÇO
TELEFONE: (084) 222-7607



CHINA'S
TURISMO

EMBRATUR 03467-00-42-4

Passagens, excursões aéreas, marítimas, rodoviárias nacionais e internacionais. Crediário — Conta-Corrente — Aluguéis de carros — Traslados e passeios pela cidade.

PASSEIO MARÍTIMO EM VELEIRO — Saída diariamente às 09:00 horas do Iate Clube, indo até a Praia de Ponta Negra. Preço por pessoa: USD 10,00.

FERNANDO DE NORONHA — Cruzeiro inesquecível em veleiro: — Duração 7 dias, incluindo um dia em Atol das Rocas, estadia e refeição à bordo. Preço por pessoa: USD 160,00.

Rua Jundiá, 340 — Tirol
Tel.: (084) 222-4685 — 222-0180
CEP 59.000 — Natal-RN

ALUGUE UM CARRO



Av. Rio Branco, 420 — Centro
Fones: (084) 222-4144 — 223-1106
Telex: 084-2544 — DUDU-BR
Aeroporto Int. Augusto Severo
Fone: 272-2446 — Natal-RN

Siga a estrela



Riachuelo

ONDE VOCÊ COMPRA MELHOR

Para fazer uma boa compra, tudo pelo Jet-Cred ou Cartão de Crédito Riachuelo.

R. JOÃO PESSOA, 254 — FONE: 221-3727
NATAL-RN



Cooperativa dos Produtores Artesanais do Rio Grande do Norte
FUNDADA EM 30 DE OUTUBRO DE 1963

Comercializa artigos de artesanato em palha de carnaúba e sisal, bolsas, sandálias, tapetes, serviços americanos e outros.

Rua Jundiá, 353 — Tel.: (084) 222-3802 — 222-0662
Endereço Telegráfico: "COPALA"
59.000 — NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

transeuntes, servem principalmente como parada de veículos, enquanto aguardam o sinal verde para avançar.

Os motoristas de ônibus, confiantes no grande porte dos veículos que dirigem, avançam diante de carros pequenos sem que essa atitude não pudesse causar novas vítimas. Cada um quer chegar primeiro ao seu destino. O desespero de todos em muitos casos proporciona mortes ou a inutilidade permanente de pessoas, até então produtivas. Não há um único dia que os hospitais da cidade não recebam vítimas da imprudência no trânsito.

CARRO X MOTO — Admitindo que o problema pode ser contornado, Eurico Antunes, 49 anos, habilitado para dirigir desde os 20 anos, diz que o caminho para se reverter este quadro, dando maior tranquilidade para todos, é a união entre a categoria e sobretudo o respeito às leis e sinalização. “Não é correto que a legislação determine uma velocidade controlada dentro da cidade e nós desrespeitemos esta determinação. Além do mais as faixas devem ser obedecidas e as pessoas precisam parar de fazer ultrapassagens perigosas, pois dependendo da velocidade, às vezes, é impossível se controlar um veículo”.

As vítimas do trânsito e da irresponsabilidade dos motoristas existem de todas as formas. Os passageiros quando desejam tomar um ônibus, muitas vezes têm que entrar no veículo em movimento, pois estes nem sempre permanecem parados para o ingresso das pessoas, o que provoca a queda de pessoas, como ocorreu com Gilza Cristina, quando tentava tomar um dos ônibus que faz a linha Rodoviária Nova via Tirol.

Com a invasão das calçadas, faixas e espaços destinados especificamente aos pedestres pelos automóveis, o medo de sair às ruas aumenta. Pois não há segurança em nenhum local. O nervosismo da população ainda é aguçado pelas buzinas desesperadas dos veículos, quando há pessoas tentando atravessar de um lado para outro. O comportamento dos motoristas é como se as vias públicas fossem apenas dos automóveis, pois as motocicletas sofrem as mesmas agressões. Dentre as coisas que os motoristas detestam, está a figura do motoqueiro.

Estes, para conseguir um espaço

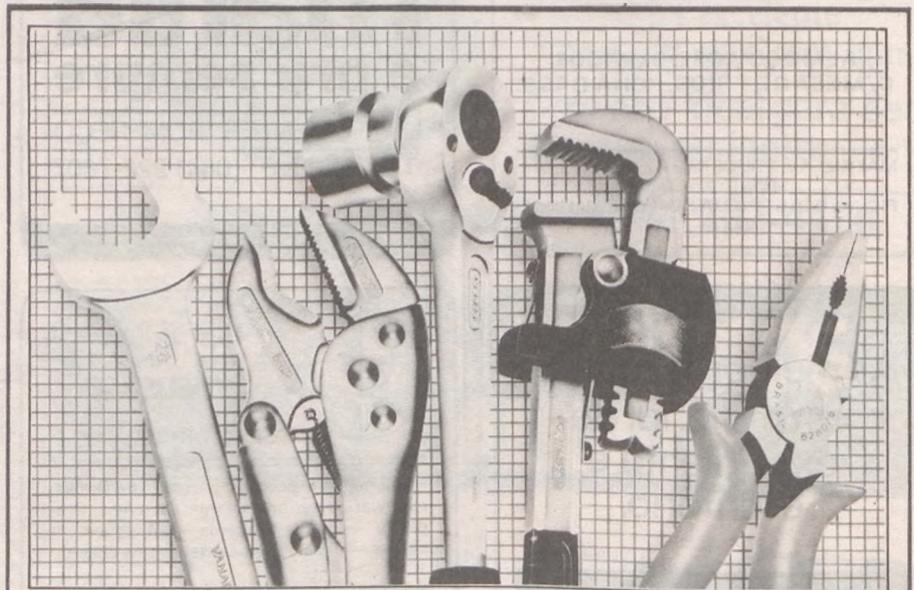


Carros pesados complicam o trânsito do centro

no trânsito, precisam sobretudo de muita sorte. Segundo Josivam Figueira, 23 anos, motoqueiro há quatro anos, carros e principalmente ônibus não respeitam a motocicleta, agridem com palavrões os motoqueiros e os trancam, as vezes provocando um total desequilíbrio na condução. “Muitos acidentes de moto que ocorrem não são por causa

da irresponsabilidade de quem dirige moto, mas sobretudo pela ignorância do motorista, que provoca o acidente”, afirma ele.

ACIDENTES — O número de acidentes registrados em Natal, somente este ano, já ultrapassa mil colisões. As vítimas fatais foram 53, até setembro, mês este que regis-



Quem conhece a diversificação de material para montagem e manutenção industrial de Queiroz Oliveira, topa qualquer parada.



QUEIROZ OLIVEIRA
MATERIAL PARA MANUTENÇÃO
E MONTAGEM INDUSTRIAL

NATAL — SALVADOR — FORTALEZA.

trou 200 acidentes no trânsito, extrapolando o índice de abril — era o maior do ano — que foi de 199. Para a Delegacia de Acidentes, é possível que tenha ocorrido outros, e não tenham sido registrados. Contudo, os dados oficiais já atestam a gravidade do problema de trânsito na cidade. Em média, ocorrem cinco acidentes diários, alguns com vítimas fatais. Nestes, cerca de 20 pessoas sofrem lesões graves, outros ficam em estado crítico ou com paralisia permanente.

Segundo o agente policial da Delegacia de Acidentes, Eduardo Peixoto, os acidentes mais graves ocorrem exatamente a partir da sexta-feira à tarde, até o final do domingo, quando as pessoas abusam da bebida e da velocidade. "As vítimas fatais da imprudência no tráfego são das viradas, atropelamentos, abalroamentos do final de semana". Apesar de muitos acreditarem que o maior número de acidentes ocorrem com motocicletas, a média de registro é de dez por mês. Porém sempre há uma vítima fatal, quando o acidente envolve este veículo.

A solução para tão grave problema é unânime: todos dizem ser preciso haver uma campanha de educação que atinja toda a população. Além disso o acréscimo de policiais



Trânsito: a violência cresce

do trânsito nas ruas, para que haja uma fiscalização mais severa com relação aos motoristas que não respeitam as leis. Enquanto medidas concretas não forem tomadas estaremos, infelizmente, registrando cada mês um número significativo de vítimas. É preciso uma conscientização pessoal e governamental, que o respeito e o direito à vida é importante", alerta Eduardo Peixoto. □

BRINQUEDOS

O comércio faturou alto

A exemplo do que aconteceu em outras capitais, aqui em Natal o comércio também faturou alto com as vendas de brinquedos durante o período natalino.

Nem mesmo as medidas tomadas pelo Governo Federal no final de 1986 trouxeram maiores prejuízos às vendas do Natal para os lojistas do Estado, que se não alcançaram uma margem de lucro exorbitante, não deixou de ser superior com relação ao mesmo período no ano de 1985. Contudo, os empresários não arriscam emitir qualquer opinião a respeito do desenvolvimento comercial em 1987, as dúvidas com relação aos rumos econômicos que o país tomará são as principais causas da incerteza.

O presidente do Clube dos Diretores Lojistas de Natal, José de Anchieta Costa, viu o desenvolvimento lojístico em 1986 de forma positiva e

nem mesmo a falta de mercadoria, constatada em algumas casas comerciais, prejudicou o mercado de forma exagerada. O CDL acredita em melhorias este ano, porém afirma que isso dependerá principalmente das novas medidas determinadas pelo Presidente Sarney, as quais os comerciantes esperam que não sejam tão prejudiciais.

Segundo Anchieta Costa, as taxas de juros cobradas atualmente inibem os investimentos. Por outro lado ele não consegue ver o crescimento comercial sem que haja um trabalho integrado entre a indústria brasileira e o Conselho Interministerial de Preços. Além disso as negociações trabalhistas são funda-

mentais para o crescimento dos diversos setores econômicos. Por todos esses fatores ele vê 1987 como um ano para se "arrumar a casa".

No que diz respeito às vendas de fim de ano, o Departamento de Estatística do CDL previa, somente em dezembro, cerca de 100 mil consultas, porém ocorreu uma queda média de 5 a 8 por cento, com relação a dezembro de 85. Por outro lado houve o acréscimo no número de cartões de crédito e as vendas efetuadas através de cartões não são controladas pelo órgão, o que pode justificar a redução de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito — SPC.

Entre os grandes indicadores de vendas, no final de ano, estão os eletrodomésticos, porém a indústria nacional não atendeu satisfatoriamente a procura. O presidente do CDL afirma que mesmo com o congelamento e tabelamento de preços, comerciantes natalenses receberam mercadorias com o custo mais elevado, no entanto repassaram pelos preços anteriores, principalmente o televisor, um dos produtos mais procurados com a implantação do Plano Cruzado, em fevereiro.

A proporção de vendas efetuadas com o Plano Cruzado foi decaindo de acordo com a falta de produtos no comércio, agravando-se ainda mais com o Plano Cruzado II. Apesar do Governo acusar o trabalhador de consumidor exagerado, sabe-se que o verdadeiro consumidor foi a classe média, que dispunha de poupança e com a queda dos juros preferiu sacar o capital e investir em bens de consumo, pois o acréscimo do salário mínimo foi insignificante e não proporcionou ao trabalhador nenhuma melhoria.

BRINQUEDOS — Dentre os campeões de venda neste último período natalino estão, comprovadamente, os brinquedos, em seus diversos tipos. As lojas natalenses que comercializam este produto tiveram os seus estoques esgotados, apesar dos preços unitários de alguns brinquedos, que chegam a custar mais de 5 mil cruzados. Até mesmo as lojas que iniciaram a comercialização somente neste final de ano, lucraram satisfatoriamente, como ocorreu com as Pernambucanas Magazine.

A loja dispunha de todos os brinquedos nacionais, dos diversos fabricantes e teve um faturamento superior, somente no Natal, a dois mi-

lhões de cruzados. O Magazine não define quem comprou mais, se o menino ou a menina, visto que os jogos destinados aos dois sexos tiveram uma saída considerável, porém os brinquedos mais caros são os masculinos. Enquanto a boneca de custo mais elevado é comprada por pouco mais de 1 mil cruzados, o Autorama custa 4 mil e 750 cruzados, e o Colosso, um carro com rádio-controle custa 4.890 cruzados.

Porém nem só os carros e bonecas, no que se refere a brinquedos, proporcionaram o lucro, o lançamento dos heróis de TV, como He-Man e sua turma, provocou uma verdadeira corrida das crianças às compras. A Pernambucanas Magazine chegou a vender, por dia, 75 castelos de He-Man, cuja unidade custava 719 cruzados. A procura foi tão intensa, que nem mesmo a Estrela conseguiu cumprir o contrato, e a loja não atendeu à demanda.

Além do Castelo de Grayskul, foram esgotados também o estoque de máquinas de combate, nave e os demais personagens do desenho animado que tinham custos de 189 cruzados, 135 e 169 cruzados respectivamente. Outro brinquedo bastante procurado, porém as lojas não dispunham, foi a boneca



Anchieta: comércio cresceu em 86

“Tchbum”, pois o fabricante também não cumpriu o contrato e o produto não chegou às casas comerciais natalenses na proporção ideal.

A Lobrás — Lojas Brasileiras S. A., também mostra-se satisfeita com a venda de brinquedos neste final de ano e apesar de não declarar o percentual de vendas, disse que pouco restou do estoque. Os brinquedos, até mesmo os mais caros, foram praticamente todos vendidos. Entre os mais procurados na loja es-

tão: He-Man e sua turma, o Big-Trem, que tinha um custo real de 999 cruzados, Max, que é um novo carro, custava 5.900 cruzados, teve todas as unidades vendidas.

Entre os brinquedos menos vendidos estão aqueles de preços baixos, que ainda são encontrados nas prateleiras. Os pequenos carros plásticos que tinha custos mínimos de 6,90 cruzados não foram bem comercializados com relação aqueles de alto custo. E segundo os coorde-

Um novo tempo, Fiat Piassa.



FIAT PIASSA, agora mais perto de você. Mais perto por muitas razões. A primeira delas é para lhe atender melhor. A segunda, para dar

melhor assistência ao seu Fiat. A terceira, para lhe oferecer os melhores planos de negócios em todas as linhas de produtos, peças e

serviços. Mas, tem ainda outras razões e sobre elas conversaremos pessoalmente. Venha à FIAT PIASSA e sinta-se à vontade.

Piassa

Av. Sen. Salgado Filho, 1669 — Lagoa Nova — Fone: (084) 222-1588
Telex: (0842) 350 PSAU — 59.000 — Natal-RN

CONCESSIONÁRIA
FIAT
Automóveis s.a.

nadores das seções de brinquedos, de diversas lojas, a classe média alta é responsável pelos bons índices de vendas, afirmando que o lucro não foi maior exatamente pela falta de determinados tipos de brinquedos.

PREJUÍZOS — Se por um lado os lucros do comércio são satisfatórios, por outro o prejuízo que determinados brinquedos proporcionam às crianças brasileiras é muito maior, entre eles estão He-Man e sua turma, verdadeiros representantes do Governo norte-americano. A sua espada mágica nada mais é se não uma metáfora visível do poderio atômico dos Estados Unidos. Cau-

sando o mesmo mal que He-Man estão os Transformers, Super-máquina e outros enlatados veiculados pela televisão brasileira e transformados em brinquedos.

A ideologia passada atesta que numa sociedade competitiva vence o melhor e os desenhos em nada são infantis, mas verdadeiros precursores dos malefícios da guerra, trazendo para a criança brasileira o sentimento individualista, destruidor. Apesar dos perigos e a repulsa desses tipos de brinquedos, os pais parecem alheios a esta realidade. Assim a televisão americana produz, as multinacionais fabricam e o nosso povo consome indiscriminadamente. □

CONSÓRCIO

Chega ao fim um sonho

O Cruzado II acabou com um sonho que vinha sendo acalentado pela classe média e alta, de ter um carro zero quilômetro.

Detonado pela área econômica do Governo na seqüência do resultado das eleições que escolheu governadores e constituintes, o famigerado Cruzado II aterrissou como uma bomba em diversos setores da economia.

Se os trabalhadores tentaram, por seu lado, repudiar a decisão do Presidente, cujo partido obteve maioria a nível nacional, em Natal, os consorciados implicaram com a persistência de modificações no sistema.

Na verdade, o Plano arremessado nas bases da contenção do consumo conseguiu, à revelia das administradoras de consórcio, desequilibrar a mola mestra do consórcio. Ou seja, fez do sistema um distanciado das classes de menor poder aquisitivo, quando, contraditoriamente, sua criação deu-se para permitir o acesso da população de baixa renda aos bens de consumo.

REAJUSTES — Com o Cruzado II, integrantes do regime de compra de carro através de sorteios mensais das quatro administradoras de consórcios de Natal viram-se obrigados a assumir



Kátya: inquietações

novos reajustes da ordem de 80 por cento. A infeliz surpresa veio embutida na portaria da Receita Federal, de número 377, publicada em novembro, no Diário Oficial da União.

Pela normativa da Receita Federal, os consorciados tiveram que bancar reajuste de 50 por cento, dos 80 determinados, em suas prestações mensais. Os 30 restantes são repassados através de uma divisão subsequente a partir do fim do contrato — geralmente atinge 50 meses —, passando a ser reajustado com base no saldo de caixa.

O saldo de caixa implica em um sistema de reajuste cujos valores correspondentes ao acúmulo das mensalidades recebidas dos consorciados, mensalmente, são subtraídos do total resultante das compras efetivadas pela administradora de consórcio, que passa a representar a dívida de cada elemento de um dos quatro grupos ávidos por um Fiat, por exemplo.

AUSÊNCIA — Como se vê, bruscas mudanças foram reeditadas pelas últimas medidas econômicas do Governo da Nova República. A suspensão de lances já verificada quando do Plano de Metas, voltou a ocupar as regras



Reinaldo: consórcio é melhor

Turista, meu amor.



O turismo já é o 3.º maior faturamento do mundo. Trate o turista com todo carinho e amor. Você e o Rio Grande do Norte só têm a ganhar.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui

do sistema de consórcio. Idêntico comportamento foi apresentado quanto à diminuição do número de automóveis para sorteios, cuja normativa determina o sorteio de apenas um automóvel por grupo consorciado.

Essa limitação constituiu-se em ponto de partida para as reclamações dos consorciados, embora, surpreendentemente, os gerentes de administradoras de consórcios observem que ainda não há índices visíveis de desistência. "O consórcio ainda é a única maneira de se conseguir um carro por preço de tabela", apregoa o gerente geral do Consórcio Garavelo, Reinaldo Peixoto.

Para Kátia Oliveira, gerente geral do Consórcio Nasser, as modificações do Cruzado II no setor trouxeram inquietações mais preocupantes como a suspensão de vendas de carros, o que para a empresa que dirige implicou na retirada de profissionais do mercado. "Estamos com o Departamento de Vendas fechado", comprova ela, anunciando a dispensa imediata dos vendedores da administradora".

Reafirmando a informação de Reinaldo Peixoto, Kátia admite ter imaginado um maior número de desistência, por parte dos consorciados, em consequência das modificações da Receita Federal, quando o nível de desistência está normal. "Há três meses tivemos uma desistência", afirma, embora critique a suspensão de lance. "A retirada do lance não resolve o problema de déficit de carro. Se não faricarem carro isso não será solucionado nunca", atesta.

Com base nesta previsão, os consorciados vão ter que cultivar paciência, uma vez que as montadoras estão destinadas, segundo consta de comunicado direcionado ao gerente geral da Garavelo, a optar por férias coletivas, o que significa paralisação total no setor de produção. "Estamos entregando carros com dificuldade", comprovava Kátia Oliveira dois dias antes da informação chegada à Garavelo, o que poderá acabar com as esperanças de muitos que estão à espera do sorteio mensal.

O fim da esperança pode até mesmo atingir o otimista consorciado Paulo Pereira. Beneficiado

com a integração a um dos grupos de Consórcio Garavelo, por meio de transferência, Pereira é um dos poucos que conseguem elogiar as modificações do sistema. "Não reclamo porque ainda não fui sorteado", justifica-se, apesar de atestar que, "antes do Plano Cruzado não pensava em entrar para um consórcio porque os preços tinham alta constantes", sem desconfiar que a partir de agora cada consorciado terá

um percentual diferenciado, a depender da natureza do bem escolhido.

Paulo Pereira, assim como os demais consorciados em administradoras locais, na verdade, irão amargar a experiência da espera que só acaba para quatro consorciados da Garavelo, Nasser, Granorte e Eldorado, ao final de cada mês, quando acontece, através da Loteria Esportiva, o sorteio de um bem por grupo.

EMPREENDEDIMENTO

Cai a construção civil

Aquecida com o Cruzado I, a construção civil vai enfrentar sérias crises em 87, segundo previsão do presidente do Sindicato do setor, engenheiro Flávio Azevedo. Os construtores vão investir em outras áreas.

Como os diversos setores da economia nacional, a indústria da construção civil também viveu, em 86, a euforia provocada pela implantação do Plano Cruzado, no dia 28 de fevereiro. Após nove meses, as novas medidas governamentais voltaram a afetar o setor, desta vez sem proporcionar contentamentos e sim estagnação com as mazelas contidas no Plano Cruzado II.

O reflexo dos benefícios produzidos em fevereiro, com a baixa nas taxas de juros e o fim da ciranda financeira consequenciou ou bons investimentos no setor. Para o engenheiro Flávio Azevedo, presidente do Sindicato de Construção Civil, o ócio existen-

te com o mercado de capitais, estimulado pela política econômica do Governo, decaiu e os investidores viram o mercado imobiliário como a grande saída para aplicação do capital.

Enquanto parte da classe média consumia desesperadamente no setor móvel, principalmente em eletrodomésticos, aumentava paralelamente a demanda de imóveis, em consequência da carência dos dois anos anteriores quando não houve construções consideráveis. A construção civil no Rio Grande do Norte trabalhava, principalmente, para o setor público e desde 83 os investimentos estavam bastante reduzidos. A partir desse problema os



Cruzado II estagnou a construção civil

empreiteiros potiguares, segundo Flávio Azevedo, partiram para a incorporação.

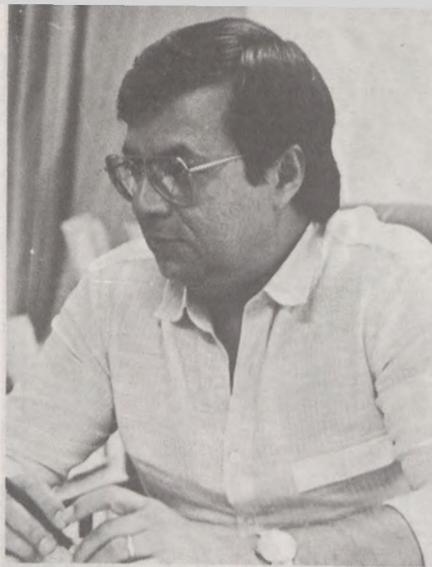
Com a credibilidade dada, pelo setor, ao Plano Cruzado, 86 obteve grandes ganhos. Trinta novos empreendimentos imobiliários foram lançados no mercado, perfazendo um total de aproximadamente 900 apartamentos, de diversos tipos, todos vendidos, sendo o número maior destinado à classe média, principal aquisitora na área da construção, proporcionando junto a iniciativa privada o crescimento do mercado, visto que os agentes financeiros não participaram decisivamente nos investimentos.

O montante de cerca de 300 milhões de cruzados aplicados em 86, partiram quase que exclusivamente das empresas privadas e dos compradores de imóveis, apesar do Plano Cruzado, os agentes financeiros de habitação colaboraram em menos de 20%, no Estado, segundo informou o presidente do Sindicato das Empresas de Construção Civil, Flávio Azevedo.

“Com o Plano Cruzado II, a construção civil está perplexa, sem rumos e, infelizmente, o setor mergulhou num poço escuro, está vivendo o período do jogo sem regras estabelecidas, que o Governo assumiu para atender interesses meramente político-partidário, e assim nos deixou sem normas. Extinguiu o BNH — Banco Nacional da Habitação e não definiu recursos para diversos setores que estão ligados diretamente com a construção civil”, declarou Flávio Azevedo.

Segundo Flávio, “o desenvolvimento de 86 não terá continuidade, no mesmo índice, em 87, podendo haver uma recessão no setor e os 40 mil empregos gerados serão extintos. As medidas governamentais provocarão a volta dos empregados da construção ao sub-emprego. Quem era servente em uma obra deverá se tornar um sorveteiro, um guardador de carros para poder sobreviver, como ocorreu demasiadamente em 84 e 85”.

Dentro das perspectivas negativas para 87, vistas pelo engenheiro Flávio Azevedo, a Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil — CBIC — a qual engloba todos os sindicatos da área,



Flávio Azevedo

pretende tomar medidas que proporcionem o desenvolvimento da construção, como ocorreu no começo de 86, e eliminado pelo Governo Federal, em novembro último, quando decretou um pacote econômico, que nada mais trouxe se não prejuízos para a Nação.

Como se não bastasse a ameaça de recessão do mercado de construção, as obras em andamento e já negociadas sofreram sérios problemas, em consequência do ágio cobrado sobre os materiais de construção, o que certamente levará as empresas a uma renegociação dos contratos em andamento, dos novos preços das

obras, o que poderá acarretar numa negociação polêmica, caso seja uma medida unilateral do setor, sem o apoio federal.

Diante desse possível problema, a CBIC já tem como principais pontos para conversação com o Governo, a definição de funcionamento do setor, ou seja o estabelecimento de novas normas no Sistema Financeiro de Habitação, para que assim os empresários do ramo possam definir a política de trabalho, analisar se devem ou não continuar investimento nestas áreas, ou partir para atividades mais rentáveis. Para Flávio Azevedo, é possível que se veja, em 87, empresários da construção civil investindo na agropecuária ou qualquer outro ramo, por falecimento do setor.

Além da política financeira do SFH, a Câmara quer também a definição do orçamento da União para a Educação, Saúde e a própria habitação popular, visto que isso permitirá o estudo e a conclusão de como a construção civil poderá atuar no País, diante da economia governamental, que atualmente não oferece a menor condição de progresso e ameaça uma recessão nacional, pondo em risco o desenvolvimento e eliminando o direito ao trabalho e à moradia das famílias brasileiras.

MODA

O vestuário ganha força

Os efeitos do Plano Cruzado de 28 de fevereiro de 86 ainda se fazem sentir no setor de vestuário de Natal. As lojas especializadas registraram um grande crescimento.

Se, em tempos passados, economizar era tarefa primordial do natalense, atualmente essa preocupação passou a ser secundária. E, apesar do Governo manifestar-se contra o consumo — o qual ele diz exagerado — o público, principalmente o feminino, não tem poucado o desejo e o direito de adquirir novos artigos, sejam de uso doméstico ou mesmo pessoal. No que diz respeito a moda, o crescimento do consumo é o maior de todos. Com a implantação do plano de congelamento de preços, o vestuário, que sempre foi

um recordista no percentual inflacionário, continuou atingindo preços altos e, apesar disso, maior adesão dos compradores.

Garantir o último modelo, manter-se impecavelmente bem vestido, nunca foi tão fácil para aqueles que defendem a moda e suas mudanças constantes, como fato imprescindível na vida. Por mais caro que custe um vestido e seus acessórios, os fabricantes e comerciantes deste ramo não têm encontrado nenhum empecilho ou queda no gráfico de vendas nestes últimos sete meses.

Diante destes fatos, os estilistas não poupam trabalho e lançam no mercado, a cada estação, modelos exóticos, cortes ousados e cores fortes, fazendo da criatividade a mola-mestra para a adesão dos consumidores.

EM DEGELO — As vitrinas das lojas ganham cada dia um número exorbitante de peças, que variam de cor, modelo e, sobretudo, preço. Os fabricantes a cada novo detalhe acrescido já encontram o motivo principal para o alto custo. A malha, como matéria-prima para a roupa, não é a maior responsável pelo acréscimo no preço. O "design" se encarrega de tirar do bolso do consumidor alguns cruzados a mais. Assim, enquanto a criação dos estilistas conseguir manter no mercado o número de consumidores já existente e proporcionar crescimento, nenhum plano de Governo, contra o consumo popular, conseguirá aniquilar o prazer das pessoas em andar na moda.

As facilidades de crédito encontradas nas lojas e boutiques que comercializam o modismo do País, impulsionam mais o público a mudar o guarda-roupa cada vez que é colocado à venda uma nova coleção de estação. A prova maior disso é a aderência às roupas de verão, que já estão colorindo as lojas da cidade. O cliente começa a fazer compras sem preocupar-se com o valor, acreditando que foi beneficiado pelo Plano Cruzado, embora as roupas tenham continuado subindo de preço.

Dentro desta realidade comprova-se que o número de casas de modas que surgiram em Natal, vem exatamente atender a demanda. Atualmente é possível encontrar-se filiais de boutiques mais antigas em diversos "shopping centers" da cidade. As vendas, segundo comerciantes que ampliam suas lojas, não sofrem grandes alterações, mas são correspondentes aos artigos existentes em cada período. Alguns afirmam que outubro não é um dos melhores meses para os negócios, porém a queda é insignificante em relação a outros meses, visto que a variedade de mercadoria que o comércio recebe colabora substancialmente para boas vendas.

O QUE USAR — Entre os shorts que colocam à mostra as pernas das jovens nesta meia estação, o vestido surge com força total: leve, colorido e sem nenhuma amarra. O amarelo-cenoura predomina nos trajés,

FOTO: A REPUBLICA



Bermudas, as preferidas

contrastando com o preto, o amarelo-ouro e o verde. A juventude ainda pode usar e abusar dos biquínis cavados, neste próximo verão, onde a estampa tropical e motivos de pele de onça e cobra se destacam. Os rapazes saem do convencional short no meio da coxa, para o bermudão pouco acima do joelho, confeccionado em tecido estampado com cores vivas.

Para alguns comerciantes locais, a juventude ainda guarda alguns

preconceitos em relação a roupa. Segundo Porpino Neto, os rapazes, por exemplo, não têm demonstrado grande interesse pelo novo modelo de bermudas, preferindo aquelas de tamanho normal usado em verões passados. Ele diz ainda que as mulheres são mais acessíveis às criações. Prova maior disso é que boa parte das garotas estão optando pelo maiô, já que a peça ganhou um corte ousado, acirrando a concorrência com o seu único e mais antigo rival, o biquíni que sempre dominou a preferência feminina.

Embora a roupa clássica mantenha-se em bom nível de vendas no mercado, os trajes esportivos são os mais preferidos. O tecido, apesar de sobressair-se em qualidade, continua em segundo plano em relação a malha. Todo e qualquer tipo de roupa pode ser confeccionado em malha, e a leveza desta colabora ainda mais para a predileção das pessoas. Além do mais o clima do País oferece predisposição para o tecido fresco, fino e prático.

O marron, o preto e branco são as cores predominantes nos trajes à rigor; o vermelho também ocupa seu lugar de destaque nas roupas ditas elegantes, enquanto o colorido e cores fortes tomam conta do vestuário

LAJES VOLTERRANA

**ECONÔMIA,
SIMPLICIDADE E
QUALIDADE.**



Com Lajes Volterrana você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida. A SACI fabrica o produto e ensina, orienta e se responsabiliza em tudo sobre as Lajes Volterrana. E ainda lhe oferece muitos outros pré-moldados de cimento, para facilitar a sua construção.



Rua Pte. Bandeira, 828 — Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 — Ribeira
NATAL-RN

da juventude, que vê no short, mini-saia, calça ou vestido a melhor maneira de trajar-se e sentir-se elegante, com acessórios acrescidos a cada modelo. As bijouterias, quase sempre em tons compatíveis com as roupas, não entram em desuso, mas abrem espaço para o acréscimo do chapéu, hoje, presença marcante na cabeça das mulheres natalenses.

DE CABEÇA — Este, dá a juventude um "ar" de maior seriedade levando o esportivo a comportar-se um pouco mais clássico. Entre as peças complementares do vestuário feminino, o chapéu possui um preço bastante elevado e não possui durabilidade suficiente para passar de uma estação a outra, precisando quase sempre ser renovado, já que seu uso — se as pessoas adotarem — pode ser ininterrupto, desde o inverno até o verão. E para aqueles que desejam possuí-lo em mais de uma cor é preciso dispor de pelo menos Cz\$ 900,00 para a compra de três chapéus.

O sapato, peça complementar fundamental, vem perdendo espaço, para o tênis que anda no pé de rapazes, garotas e até mesmo de pessoas que mesmo com idade mais avançada, optam pela praticidade deste calçado, sem importar-se com durabilidade ou conforto. O importante é estar na moda. Se em períodos passados um sapato bem engraçado, com brilho de limpeza ofuscante era "chic", hoje um tênis se sobressai muito mais, desde que esteja compatível com a roupa que está sendo usada. Até mesmo o "blazer" — o antigo paletó — descartou o uso do sapato e adotou o tênis de tecido como seu complemento, fazendo-se um traje esporte fino.

Assim, num jogo incansável de modelos e cortes, a roupa vem mantendo-se como segundo maior motivo de gastos para a população. Depois do alimento, vestir-se bem é o ideal para grande parte de pessoas que diz ser, os trajés, o cartão de visita de cada um, já que neste País a aparência física ainda é o peso máximo para a obtenção de trabalho. E, a partir deste conceito, muitos cruzados são colocados dentro de um armário, sem retorno. Nem mesmo juros, já que roupa não é um investimento financeiro.

Nesta estação que se aproxima, renovar o guarda-roupa representa um investimento bastante alto para a classe média-baixa, já que os salá-

FOTO: A REPÚBLICA



Vestuário bateu recorde de vendas

rios pagos no Estado não são significativos. Os vestidos possuem preços variados entre Cz\$ 600,00 e Cz\$ 1.200,00. Enquanto a mini-saia, que domina a preferência, está custando, em média, Cz\$ 400,00. O short, que é uma das peças favoritas do verão, tem seu preço oscilando entre Cz\$ 300,00 e Cz\$ 600,00, sem contar com o biquíni e maiô que vão desde Cz\$ 200,00 até Cz\$ 500,00. A conclusão é que nem mesmo no verão onde o tamanho das peças diminuem sensivelmente, acontece o mesmo com os preços.

Dentre as roupas mais preferidas pelo público consumidor, o "jeans" — que possui maior popularidade — não sofre uma queda nos custos, pois as suas diversas griffes, cores e formas de uso, proporcionam seu encarecimento e

nem mesmo a calça velha desbotada, com detalhes rasgados, criada recentemente, faz com que os partidários desta roupa a comprem por menos de Cz\$ 900,00.

Numa batalha onde o bom gosto dos fabricantes, a criatividade dos publicitários, que anunciam a moda, e sobretudo o espírito consumista da população são comuns, nenhuma forma de repressão governamental tira da passarela os lançamentos diários colocados por quem faz a moda. Se o Governo pretende ampliar os investimentos de poupança, não será com o sacrifício do público, em optar pelo depósito de poupança ao invés de comprar os últimos modelos lançados no mercado. □

BERNADETE CAVALCANTE

FOTO: A REPÚBLICA



Roupa jovem vendeu muito bem este ano



Os bares da praia estão perdendo fregueses para Zona Sul
LAZER

Bares da Zona Sul na moda

Os jovens natalenses já procuram os bares da Zona Sul em busca de uma nova opção de lazer. A vida noturna, que antes se concentrava na orla marítima, agora ganha mais opção com a inauguração dos shopping centers da estrada de Ponta Negra.

O que mudou para os assíduos frequentadores de bares e "Night Clubs" de Natal, nos últimos tempos? Para a maioria a vida noturna da cidade não sofreu grandes transformações, nem a nível de quantidade, nem em qualidade. E se para alguns novas casas de diversões noturnas surgiram, para outros estas são apenas substituições de bares existentes em período passado. O "novo", para os donos da noite, é o direito de escolher entre permanecer na orla marítima, na zona leste, ou ir para a zona sul.

Apesar das poucas opções existentes, os fins de semana ainda proporcionam, aos comerciantes do ramo, um número expressivo de pessoas ocupando as mesas dos bares da cidade. E, embora as saídas sejam rotineiras, o público ainda prefere repetir o mesmo programa a cada sexta-feira e sábado, a permanecer em casa. Nada além de um bar

convencional e uma boate apertada é oferecido a juventude nas bonitas noites natalenses.

Nenhuma criatividade é usada pelos donos de bares e casas noturnas de Natal, que tirem os notívagos das "mesmices" semanais. As boates que surgem, nada mais são que o protótipo de outras existentes anteriormente, apenas com um novo nome. As propostas de comportamento permanecem, ninguém dispõe de espaços diferentes, lazer diferente. Fugir do convencional é tarefa impossível nesta cidade. E se a juventude reclama, mas não grita, os empresários não se preocupam em melhorar o atendimento, e nada além de mesas, cadeiras, bebidas, petiscos e um número mínimo de garçons é encontrado.

COTIDIANO — Em qualquer bar que se frequente, é possível encontrar

o mesmo grupo de pessoas, num mesmo horário, nos mesmos dias. As saídas se processam da mesma forma; entre 21h30min e meia-noite todos estão "biritando" nos bares da orla. A partir daí um pequeno grupo se destina às três boates que dispõem, enquanto que, para a maioria resta apenas retornar para casa, esperar o próximo fim de semana, repetir a dose e sentir-se feliz por ter podido sentar num bar, beber uma ou duas cervejas e conversar com os amigos.

A limitação é tanta que as pessoas já saem com destino marcado para aquele ou outro bar. Os que gostam de seresta procuram os bares que dispõem desta atração, e que não são muitos. Os grupos mais "politizados", que enxergam além de pranchas de surf, carros do ano, e shows de rock adotam os bares ditos alternativos como ponto de encontro, restando para a rapaziada,

aqueles onde a música jovem e executada em alto e bom som. Para a classe mais elitista o "Chaplin", que funciona com o "Pub" estilo mais europeu, é o preferido.

LIMITAÇÃO — Até mesmo a preferência pelas boates da cidade, é feita de forma discriminada. A turma jovem, entre 16 e 19 anos, frequenta a boate privê do Hotel Reis Magos, somente aos domingos, indo para a Apple, na praia de Ponta Negra, nos dias anteriores. Já o novo "night club" que funciona no Centro de Turismo, atende aos dissidentes da Royal Salute e Apple. Não sobrando nenhuma outra opção. Ou se frequenta estes três locais, ou não vai a nenhum outro, caso deseje dançar, pois não existe, em Natal, nenhum bar fechado, onde os frequentadores possam dispor de dois ambientes: um para dança, outro para o bate-papo.

Além do pouco número de boates, os preços cobrados pelas existentes na cidade, provam que estes locais são usufruídos somente por uma minoria. Para se ter direito ao ingresso na boate Royal Salute, é preciso dispor de um cartão de cliente especial ou pagar, individualmente, Cz\$ 90,00, o que lhe dá direito a um simples coquetel de frutas. E se a pretensão não é ficar com sede por toda a noite é recomendável que o cliente disponha de uma boa grana para poder ter direito ao consumo de alguma bebida, que custa duas, três e até quatro vezes mais, que em outros locais.

Ainda dentro deste mesmo esquema de comercialização de entrada, a boate instalada no Centro de Turismo, cobra a mesma coisa pelo ingresso individual, apenas com uma diferença: lá o **drink** é escolhido pelo cliente, não determinado

pela casa, como acontece na sua principal concorrente. Porém, os custos de bebidas e petiscos são iguais ou parecidos, em todas elas.

ZONA SUL — Fugir da rotina dos bares localizados na praia dos Artistas, Forte ou mesmo Areia Preta, significa gastar um pouquinho mais de combustível, e ver o que acontece nos "botecos" existentes nos "Shopping Centers" da zona sul. Para Gilson Ferreira, 22 anos, a orla ainda é o melhor local de Natal, pois todos passam por lá, antes de qualquer outro lugar. O fluxo de pessoas é maior, diz, facilitando o crescimento do círculo de amigos.

"Gosto dos bares da orla, porém tenho frequentado estes da zona sul sempre, pois é uma opção, além do mais, moro neste lado da cidade, e a independência do bairro, em termos de lazer, vem conquistando a preferência de muitas pessoas". Sobre a disponibilidade de casas de diversões, ele acrescenta: "Natal ainda é muito longe de oferecer a população um número variado de casas. No entanto, eu acredito que isso venha a acontecer um dia, pois o crescimento demográfico é grande e a juventude já está reclamando esta falta", afirma.

Se para a maioria a zona sul é a mais nova onda, a frequência não limita-se apenas aos bares surgidos recentemente no CCAB-Sul; uma esticada até as barracas da praia de Ponta Negra, nas noites de luar, vem proporcionando ao natalense novas descobertas bem gratificantes e não muito caras. Se o público, que é partidário de boas farras nos finais de semana, usar a cabeça, descobrirá novos e bons locais. Sair da "mesmice" só depende de cada um. □



Donos de bares não têm criatividade

RN/ECONÔMICO — NOVEMBRO/DEZEMBRO-86

**ECONOMIZE
COMPRANDO
NO ARMAZÉM
PARÁ**



Hoje, você quando pensa em construir, reformar, ampliar, a primeira idéia que ocorre é como gastar pouco e ter um material de qualidade. Então a solução aparece com o nome do **ARMAZÉM PARÁ**. Procure nos seguintes endereços: Loja 1, Av. Antônio Basílio, 180; Loja 2, Rua Almino Afonso, 40 e Loja 3, Av. Prudente de Morais, 2007 ou pelo PABX 223-4977. Em cada uma delas, você vai encontrar uma empresa preocupada com o seu problema, pronta e em condições de lhe atender, dando orientação quanto a aquisição e aplicação do produto ideal para o seu caso, em particular. **ARMAZÉM PARÁ** mantém à disposição de seus clientes, uma equipe especializada, em condições de orientar e fornecer produtos de qualidade a preços *sem igual* na praça. Nosso slogan confirma a tradição — **ARMAZÉM PARÁ — O MUNDO BARATO DA CONSTRUÇÃO.**

**ARMAZÉM
PARÁ**

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

O esvaziamento cultural

ORio Grande do Norte sofreu, sob o domínio dos Maia, um intenso processo de esvaziamento cultural. Durante 12 anos a animação, que é o termômetro desse processo, foi marginalizada ou serviu de combustível a ladinos chefetes com pretensão eleitoral.

O Estado, impositivo e autoritário, excluiu o diálogo na implantação de projetos que existiram apenas como iscas para a obtenção de verbas e recursos federais imediatamente comprometidos com o pagamento de salários. O empreguismo, o tráfico de influências foi sistematicamente praticado.

A Secretaria de Educação e Cultura esteve ausente do debate cultural e a autocrítica padeceu de anemia profunda. A própria educação distanciou-se da realidade e submergiu no vácuo de uma metodologia esclerosada.

O governador, eleito e aclamado pelo povo, recebe uma herança trabalhosa. Esse bem coletivo foi penhorado por administradores ineptos. Gente que se apossou de cargos e postos em detrimento da socialização das artes e das idéias.

Durante 12 anos vigorou o esquecimento, genocídio cultural a predação. O Estado foi sendo despojado, paulatinamente, de sua memória. Nos municípios a pobreza e a ignorância condenaram monumentos.

Em Canguaretama uma bela praça secular, construída segundo planta trazida por imigrantes portugueses, foi demolida. A casa antiga em que nasceu o ex-governador de Pernambuco, Roberto Magalhães, hoje a biblioteca que leva o seu nome, está com toda sua estrutura comprometida pela falta de reparos.

No Assu, casarões centenários estão prestes a ruir e a Prefeitura não dispõe de verbas nem o Patrimônio Nacional adota medidas capazes de preservar aqueles últimos conjuntos arquitetônicos.

O Teatro Alberto Maranhão, despojado de seu requinte, foi abandonado por Governos espúrios ou equivocados em permanente disputa pelo poder. O próprio Meira Pires, em 82, morreu de susto diante da perspectiva de mais um Maia dando as ordens do Palácio Potengi.

A Galeria de Arte do Muni-

po que se reveza nos mandatos.

A marginalização dos jovens e o fracionamento de projetos aplicados sem competência.

O Centro instalado no antigo QG, perto da Catedral, nunca cumpriu seus objetivos.

A política editorial foi atropelada pela troca de favores em benefício de projetos pessoais.

A Biblioteca Central Zila Mamede (vergonha para a Universidade!) possui apenas 60 dos 132 títulos publicados por Luís da Câmara Cascudo, res-



FOTO: A REPÚBLICA

Alberto Maranhão foi abandonado

cípio, em estilo neofuturista, foi criminosamente demolida. Construiu-se em seu lugar uma praça de concertos que nunca funcionou porque a Estação Metropolitana passa ao lado.

A Concha Acústica foi derubada para que não restasse memória de uma Natal mais vanguardista com Djalma Maranhão.

A pouca legitimidade de um Conselho Estadual de Cultura tirado da manga do Governador dentro de um mesmo gru-

salta a ojeriza do Estado pelo trabalho intelectual.

Já tivemos um Museu de Arte Popular que foi desmantelado. E a obra de Chico Santeiro não foi documentada e nenhuma instituição local, incluindo-se aqui o Conselho Estadual de Cultura, célebre por sua subserviência a uma política cultural exclusivista e alienada, não moveu um dedo para deter a amnésia.

Os valores emergentes fo-

CULTURA

ram silenciados por burocratas regidamente pagos com o dinheiro dos contribuintes, ficando a representação potiguar limitada a um elenco de medíocres ou amateigados cortesãos.

O ano passado, em entrevista ao jornal Tribuna do Norte, a escritora Zila Mamede denunciava que a Biblioteca Câmara Cascudo estava com o seu acervo defasado desde 1980 e não dispunha de dotação orçamentária para a aquisição de livros.

A Escolinha Cândido Portinari transformou-se num armazém de frustrações.

O Projeto Fagundes de Menezes, destinado a valorização do autor novo, constituiu uma grande farsa montada até sobre obras fictícias, logrando as expectativas da comunidade literária.

Um presidente de fundação cultural, escolhido para "conti-

nuar e concluir" a obra de erosão iniciada por seu antecessor, em prejuízo da sociedade e do cidadão, diz a que veio, prestando informação deturpada aos jornalistas, ao atribuir à Biblioteca cascudiana títulos inexistentes.

O cambalacho de um sistema premia os afilhados e esquece seus mais autênticos valores, como Águeda Ferreira, revelação do nosso teatro.

A avareza na concessão de prêmios e a desvalorização do trabalho intelectual, que é preciso zerar para que tenhamos, de fato, a dimensão das coisas,

O resgate é uma operação de emergência, prioritária em relação ao ex-prefeito do Assu, Arcelino Costa Leitão, construtor de belas praças que precisam ser restauradas na sua dignidade e tombadas para que não venham sofrer danos no futuro.

Guaporé no Ceará-Mirim

sem finalidade. O Solar do Ferreiro Torto em Macaíba. A memória de Omar O'Grady e de Giácomo Palumbo em Natal. A restauração da Ribeira e a preservação ecológica da Redinha são deveres menosprezados pelo Estado, guardião, pelas leis, do patrimônio comunitário.

A interrupção do registro histórico, nos anos 40, com a publicação da História do Rio Grande do Norte, de autoria do Mestre Cascudo.

A privatização do Bosque dos Namorados numa manobra escusa.

A queda do Teatro Sandoval Wanderley como consequência de um descaso que recrimina a insensibilidade de secretários relapsos.

Que soprem os ventos da mudança.

FRANKLIN JORGE

CODIF TEM.

As melhores marcas em ferramentas, material elétrico e motores elétricos. Equipamentos para piscinas e produtos químicos para tratamento d'água. Banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas, tintas e ferragens. Instrumentos de medição, máquinas de solda e abrasivos.



CIA. DISTRIBUIDORA DE FERRAGENS

NATAL — RUA DR. BARATA, 190 — TELS.: 222-3571/8033/8210 — TELEX: 2252.
RECIFE — SÃO LUIZ — SÃO PAULO — FORTALEZA — MACEIÓ — ARAPIRACA
PALMEIRA DOS ÍNDIOS.



A CHAVE DO TESOURO ESTÁ NO ELDORADO, O CONSÓRCIO NATALENSE.

Com o Plano Cruzado do Governo Federal, o Consórcio Eldorado mais uma vez se coloca como o caminho mais fácil para a concretização do sonho do carro novo, ou moto, de todas as marcas, a álcool ou a gasolina. Além de trabalhar com toda a linha Fiat e Volkswagen; Massey-Ferguson; caminhão e motos Agrale, o Consórcio Eldorado oferece a opção de qualquer outra marca. A diferença no preço, você acerta na própria revendedora onde fez a compra, que é também quem decide o prazo de entrega do veículo, de acordo com a Portaria do Governo Federal, número 186, de maio de 86. No Eldorado, entretanto, ainda são entregues dois veículos mensais, sendo um por lance, outro por sorteio.

O Consórcio Eldorado é o único de Natal que trabalha com todas as marcas, sem burocracias e sem perda de tempo. As muitas solicitações já comprovam o sucesso. Em quatro anos e meio de atuação, o Eldorado já entregou a seus consorciados 1.390 veículos novos, em 39 grupos formulados, sendo um já terminado, totalizando 3.520



associados. Fique à vontade nas amplas instalações do Consórcio Eldorado na Avenida Prudente de Moraes, com um ótimo estacionamento e exposição de veículos de todas as marcas, para sua maior comodidade. Venha conhecer!



E ELDORADO ADMINISTRADORA DE
CONSÓRCIO LTDA.

Av. Prudente de Moraes, 1108 - Tel.: (084) 222-9246 - Tirol - Natal-RN

As melhores impressões vão passar por aqui.

O RN/Econômico não é apenas o mais bem equipado parque gráfico do Estado

É também o mais veloz. Se você duvida, faça um teste: ligue para 222-4722 e diga qual é o seu problema.

A partir daí, toda uma equipe fica à disposição de sua empresa. Para serviços de off-set, policromia, tipografia, fotocomposição, fotolito, plastificação, composição de livros, jornais e revistas, impressão de notas fiscais, duplicatas, faturas e promissórias.

Vamos, telefone. Sua empresa vai ter uma excelente impressão do nosso parque gráfico.



RN/ECONÔMICO
Serviços gráficos de qualidade

222.4722